

Validação da escala SAI-R na
população portuguesa

Paulo Jorge Martins

Coordenador e orientador de Seminário de Dissertação:

PROF. DOUTOR ANTÓNIO GONZALEZ

Tese submetida como requisito parcial para a obtenção do grau de:

MESTRE EM PSICOLOGIA

Especialidade em Psicologia Clínica

Dissertação de Mestrado realizada sob a orientação do Prof. Doutor António Gonzalez, apresentada no ISPA – Instituto Universitário para obtenção do grau de Mestre na especialidade de Psicologia Clínica.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Prof. Doutor António-José Gonzalez pelo apoio académico e institucional. Este percurso que já vai longo do ponto de vista pessoal e profissional possibilitou o crescimento e a aquisição de competências em espontaneidade. Sempre com grande interesse foi colaborando, sugerindo leituras, estimulando à reflexão no debelar das dúvidas que iam surgindo ao longo do tratamento dos dados e dos inquéritos realizados aos especialistas. E, especialmente importante na minha perspetiva, estou muito grato pela liberdade intelectual que requereu uma boa dose de coragem e aceitação incondicional pelo pensamento diferente.

Aos participantes do estudo que aceitaram colaborar neste estudo, que mesmo anónimos para efeitos de proteção da sua privacidade uma palavra de apreço pela sua disponibilidade.

Aos colegas de unidade curricular de tese, por terem propiciado um ambiente sempre marcado pela abertura às questões, quiçá, do nosso exclusivo interesse.

À Prof^a. Doutora Margarida Pedroso Lima, pela amizade e estímulo constante para a conclusão deste estudo.

Ao Mestre Luís Franco Preto pela ajuda preciosa na correção ortográfica do texto.

Finalmente a toda a família que uma vez mais esperou para juntos continuarmos a experienciar a nossa aventura de estarmos ao lado uns dos outros.

ÍNDICE GERAL

Agradecimentos	I
Índice Geral	II
Índice de Tabelas	IV
Índice de Quadros	IV
Índice de Figuras	IV
Resumo	V
Abstract.....	VI
1 Introdução	1
2 Estrutura da Tese	3
3 Estado da Arte	4
3.1 A espontaneidade na teoria de Moreno.....	4
3.2 A avaliação da espontaneidade	5
3.3 A espontaneidade e a sua associação a outras medidas	6
3.4 Conceitos teoricamente próximos da espontaneidade	8
3.5 Avanços em espontaneidade	8
3.5.1 Investigação e a (re)conceptualização teórica do SAI-R.....	8
3.5.2 A hipótese de uma estrutura a 3 fatores.....	10
4 Estudo 1: Validação do SAI-R _p	12
4.1 Participantes.....	12
4.2 Instrumentos.....	13
4.3 Procedimentos.....	14
4.4 Análise de dados	15
4.5 Resultados.....	17
4.5.1 Análise Fatorial Exploratória.....	17
4.5.2 Análise Fatorial Confirmatória.....	18
4.5.3 Validade Cruzada	21

4.5.4	Validade concorrente e validade divergente.....	22
5	Estudo 2. Reconceptualização do SAI-R.....	23
5.1	Participantes.....	23
5.2	Instrumentos.....	24
5.3	Procedimentos.....	25
5.4	Análise de dados	25
5.5	Resultados.....	26
6	Estudo 3. A hipótese do modelo estrutural do SAI-R a três fatores de 1ª ordem... 30	
6.1	Participantes.....	30
6.2	Instrumento	30
6.3	Procedimentos.....	31
6.4	Análise de dados	31
6.5	Resultados.....	32
6.6	Validade cruzada.....	36
7	Discussão geral e Conclusões.....	37
8	Limitações do estudo	40
9	Referências	41
10	Anexos.....	48
10.1	Anexo 1. SAI-Rp – Versão portuguesa do Inventário de Avaliação da Espontaneidade.....	48
10.2	Anexo 2. Aceitação do artigo na revista Psico-USF	49
10.3	Anexo 3. Exemplo do Guião do inquérito aos especialistas	50

ÍNDICE DE TABELAS

Tabela 1. Caracterização da amostra total	12
Tabela 2. Cargas fatoriais, comunalidades, média, desvio-padrão (DP) e correlação inter-item do SAI-Rp.....	17
Tabela 3. Estatísticas Descritivas do SAI-Rp.....	18
Tabela 4. Modelo Re-especificado do SAI-Rp.....	19
Tabela 5. Resultados da Análise Multi-grupos da AFC do SAI-Rp.....	22
Tabela 6. Correlações entre o SAI-Rp, o BEP, o N5 e o NEO-FFI.....	23
Tabela 7. Características dos Participantes (Gênero, Idade, Experiência em Psicodrama	24
Tabela 8. Estatísticas Descritivas do SAI-Rp.....	33
Tabela 9. Modelo do SAI-Rp a 3 fatores com os 18 itens.....	34
Tabela 10. Média (M), desvio padrão (DP) e correlações dos fatores ao quadrado.....	36
Tabela 11. Resultados da Análise Multi-grupos da AFC do SAI-Rp a 3 Fatores	36

ÍNDICE DE QUADROS

Quadro 1. Quadro síntese do pensamento dos especialistas sobre o item 1. Criativo e 6. Livre para criar	27
Quadro 2. Quadro síntese do pensamento dos especialistas sobre o item 2. Feliz e 6. Alegre	28
Quadro 3. Quadro síntese do pensamento dos especialistas sobre o item 3. Desinibido e 7. Eufórico	29
Quadro 4. Dimensões, descrição e itens correspondentes da versão original a 3 fatores do SAI-R (Kipper, & Beasley, 2016).	31

ÍNDICE DE FIGURAS

Figura 1. Cargas Fatoriais e Correlações Quadradas dos Itens do SAI-Rp.....	21
Figura 2. AFC do SAI-Rp reespecificado a 3 fatores de 1ª ordem	35

RESUMO

A espontaneidade e as suas ligações à saúde mental e ao bem-estar são uma componente central quer na teoria quer na prática do psicodrama, e a literatura especializada associa a presença de patologia à falta de espontaneidade.

Nesta tese, apresentam-se alguns aspetos teóricos da espontaneidade na teoria de Moreno, discute-se a sua avaliação, a sua associação a outras medidas, bem como a outros conceitos teoricamente próximos da espontaneidade e, finalmente, a investigação mais recente e a necessidade de conceptualização teórica do SAI-R, bem como da possibilidade de uma estrutura a 3 fatores desta medida. Sobre a medida da avaliação da espontaneidade elencam-se alguns dos resultados obtidos em estudos em língua inglesa do SAI-R e apresentam-se os estudos da sua validação para a população portuguesa. No estudo participaram no total 2940 indivíduos [(Mulheres =1659; 56.4%); (Homens=1281; 43.6%)]. A idade média dos participantes foi de 28.5 anos (DP = 7.51) e as idades variaram entre 18 e os 69 anos. Os dados foram recolhidos através de uma plataforma online de uma empresa de estudos de mercado portuguesa.

Os resultados permitiram a validação do SAI-R para o contexto português, tendo-se confirmado a estrutura unifatorial. Por fim, foram testadas a fiabilidade compósita e a validade convergente, bem como a validade cruzada. Os resultados também revelaram a plausibilidade de remoção do item 7, "Eufórico". Mostrou-se ainda que o modelo a 3 fatores tem validade aceitável, confirmando a fiabilidade compósita, a validade convergente, mas não confirma a validade discriminante. Através da análise multigrupos o modelo mostrou ser estável. Apesar de serem necessários mais estudos com populações clínicas, o SAI-R apresenta-se como um instrumento curto e válido para aplicar em contextos clínicos e não clínicos quando se pretende avaliar a espontaneidade.

Palavras chave: Psicodrama; Espontaneidade; Testes psicológicos

ABSTRACT

Spontaneity and its connections to mental health and wellbeing are a central issue in both theory and practice of psychodrama, and the specialized literature sometimes even associates the presence of pathology to a lack of spontaneity. This thesis presents the theoretical aspects of spontaneity in Moreno's theory, including, its assessment, the association with other measures and concepts and scientific advances in the field. Specifically, concerning spontaneity assessment inventory, both some of the results obtained in studies with the English-language version and some validation studies for the Portuguese population. In the validation of the SAI-R for the Portuguese context, we verified the factorial structure with 719 subjects, divided in two independent samples. The participants were aged 18 to 69. Globally, 2940 individuals participated in the study [(Women =1659; 56.4%); (Men=1281; 43.6%)]. The mean age of participants was 28.5 years (SD = 7.51) and ages ranged between 18 and 69 years. Data collection was through an online platform of a Portuguese market research company.

The results allowed the validation of the SAI-R for the Portuguese context, confirming its unifactorial structure. Complementary, composite reliability and convergent validity, as well as cross-validity, were verified. The results also revealed that removing item 7. Euphoric is feasible. The results also revealed that the 3-factor model has acceptable validity, confirming the composite reliability, the convergent validity, but not the discriminant validity. Through multigroup analysis, the model shown to be stable. Notwithstanding the need for complementary studies including clinical samples, the SAI-R is a short and valid instrument in clinical and non-clinical contexts when evaluating spontaneity.

Key words: Psychodrama, spontaneity, Psychological tests

1 Introdução

O lugar da espontaneidade na teoria e prática psicodramáticas é reconhecido como central pela generalidade dos psicodramatistas e pela maioria dos autores de referência da área (Abreu, 2002; Fox, 2002; Moreno, 1975, 1983, 1999, 2008; Moreno, 2006). Não obstante esse reconhecimento, que acompanha esta comunidade desde os tempos de Jacob Levy Moreno, só na transição para o séc. XXI a investigação científica tentou confirmar, com estudos psicométricos, algumas das afirmações feitas pelo fundador do psicodrama. Nesse sentido, surgiram esforços para operacionalizar a mensuração deste constructo.

Nos anos 90, Collins e colaboradores (Collins, Kumar, Treadwell, & Leach, 1997) desenvolveram o Personal Attitude Scale (PAS), um inventário de 58 itens, que na sua versão revista (PAS-II) passaram a 66 (Kellar, Treadwell, Kumar, & Leach, 2002) e que demonstrou propriedades psicométricas satisfatórias. Mais recentemente, foram desenvolvidos o Spontaneity Assessment Inventory (SAI) (Christoforou & Kipper, 2006; Kipper, 2006; Kipper & Hundal, 2005) e a sua versão revista (SAI-R), mais curta, mas mantendo validade e fiabilidade adequadas (Davelaar, Araujo, & Kipper, 2008; Kipper & Shemer, 2006). Os estudos de tipo correlacional possibilitados por este instrumento, inauguraram uma nova era na pesquisa científica sobre a espontaneidade e as variáveis a ela associadas. Por outro lado, na investigação em psicodrama, parece claro não só a necessidade de robustecer o instrumento de avaliação da espontaneidade, como o modelo teórico que associa esta com variáveis ligadas à saúde mental (Fernandes, Cenci, & Gaspodini, 2021).

Assim, a literatura vem referindo que a criatividade e a impulsividade (Kipper, 2007) são determinantes fundamentais para compreender a espontaneidade, nomeadamente a criatividade associando-se positivamente, enquanto a impulsividade, se associa negativamente a estados espontâneos. Aliás, na linha de pesquisa sobre intervenções baseadas em psicodrama, onde se perspetiva a facilitação de processos de desenvolvimento da saúde mental das pessoas, a espontaneidade tem sido associada também com atitudes socialmente desejáveis, onde se mostram evidências de que a criatividade entendida como traço positivo, é preditor de personalidade socialmente valorizada (Shen, Chick, & Zinn, 2014). Em linha com estas ideias foram encontradas evidências de que sujeitos que se percebem com elevados níveis de espontaneidade têm também níveis elevados de criatividade adaptativa e isso pode constituir-se como um

pilar da resposta pessoal face a desafios e eventos de vida, como por exemplo, no caso da COVID-19 (Orkibi, 2021; Testoni et al., 2021).

Por outro lado, vários estudos revelam que uma elevada espontaneidade está associada a valores morais desejáveis, sendo mesmo, um vetor essencial para predizer as atitudes face à prática desportiva expressas pelos atletas (Peterson & Seligman, 2004).

Finalmente, no estudo da espontaneidade, e considerando a especificidade do contexto português, devem ser estabelecidas relações entre este constructo e outras variáveis associadas e, sendo possível, estabelecer implicações para o instrumento de avaliação da espontaneidade bem como implicações para a vida das pessoas, tendo em conta, fatores históricos, culturais e sociais.

Assim, o propósito desta tese é a sistematização do conhecimento sobre a avaliação da espontaneidade que, conduzindo a um instrumento válido, permitirá a investigadores, psicólogos e psicodramatistas realizarem estudos e avaliações, tanto de diagnóstico como de eficácia terapêutica nas suas intervenções. Neste sentido, foram desenvolvidos vários estudos em contexto não clínico de modo a conhecer as características psicométricas da escala SAI-R.

Esta tese concretiza-se a três níveis: (1) a avaliação da espontaneidade a um fator do SAI-Rp - Inventário de avaliação da espontaneidade para a população portuguesa, sendo esta validação inexistente até à data em língua portuguesa ; (2) a investigação e a necessidade de conceptualização teórica do SAI-R fazendo um estudo dos itens problemáticos do SAI-Rp, e (3) estudo da plausibilidade teórica do modelo a três fatores como proposto por Kipper e Beasley (2016).

Face ao atrás exposto, propomo-nos dar resposta aos seguintes objetivos de investigação:

- (1) Validação portuguesa do instrumento de avaliação da espontaneidade (do original SAI-R – Spontaneity Assessement Inventory – Revised);
- (2) Peritagem sobre os itens problemáticos, 1 - "Criativo" e 6 - "Livres para criar", entre os itens 7 - "Eufórico" e 8 - "Livres para agir, até exageradamente" e entre os itens 2 – "Feliz" e 18 – "Alegre", concretamente estudo qualitativo com recurso a especialistas em psicodrama;
- (3) Estudar a Espontaneidade com uma estrutura a 3 fatores de primeira ordem (Fator 1: Vigor/Prazer, Fator 2: Liberdade, Fator 3: Envolvimento/Foco).

2 Estrutura da Tese

Para a concretização dos objetivos gerais da tese, o documento apresentado estrutura-se em sete pontos principais.

Os dois primeiros pontos referem-se à temática geral de estudo, procurando descrever o enquadramento dos objetivos, bem como apresentar a estrutura da dissertação dando conta do quadro teórico de referência.

O ponto 3 diz respeito ao estado da arte, aclarando os aspetos teóricos da espontaneidade na teoria de Moreno, da avaliação da espontaneidade, da espontaneidade e associação a outras medidas, de conceitos teoricamente próximos da espontaneidade e finalmente dos avanços científicos em espontaneidade, onde se considera o estudo dos itens problemáticos e a possibilidade de uma estrutura a 3 fatores.

Os pontos 4, 5 e 6 dizem respeito a três estudos empíricos referenciados aos objetivos da tese. Desta forma, cada ponto assume-se como um artigo autónomo e independente.

No ponto 8, discussão e conclusões, apresenta-se uma ligação entre os diferentes estudos realizados, procurando contribuir para uma melhor compreensão da totalidade do trabalho desenvolvido. Desta forma, procedeu-se uma discussão integrada dos resultados, incluindo uma reflexão e a contribuição científica sobre o trabalho realizado.

Finalmente no ponto 9, considerando as limitações identificadas, sugerimos também pistas para investigação futura.

Complementarmente, à data de entrega da tese, um artigo de validação do SAI-Rp apresenta-se aceite para publicação (Anexo 2) com a seguinte referência:

Gonzalez, A.-J., Martins, P., Lima, M. P. d., & Rosado, A. (2021). Análise das qualidades psicométricas da versão portuguesa do Inventário de Avaliação da Espontaneidade. *Psico-USF, n.º especial GT da ANPEPP Pesquisa em Avaliação Psicológica. (in press).*

3 Estado da Arte

3.1 A espontaneidade na teoria de Moreno

Quem consulta as obras de Jacob Levy Moreno encontra inúmeras referências ao termo espontaneidade, a que o autor também chamava *fator e*. São várias as definições e afirmações em torno do papel da espontaneidade feitas por Moreno, sendo talvez a mais comum a que podemos encontrar na sua obra “Quem sobreviverá?” (Moreno, 2008), em que o autor escreve sobre a espontaneidade como algo que “impulsiona o indivíduo na direção de uma resposta adequada a uma nova situação, ou a uma nova resposta a uma velha situação” (p. 54). Ainda na mesma página, Moreno afirma poder atribuir-se “boa parte da psicopatologia e da sociopatologia humanas ao insuficiente desenvolvimento da espontaneidade, cujo treino é a melhor habilidade a ser ensinada aos terapeutas (...) e é tarefa deles ensinar seus clientes a serem mais espontâneos sem se tornarem excessivos”. Esta última expressão, “sem se tornarem excessivos”, remete para a habitual confusão entre espontaneidade e impulsividade, que Moreno por diversas vezes tentou clarificar. Assim, na sua obra “Psicodrama” (1975, p. 163), refere que “o comportamento desordenado e os emocionalismos resultantes da acção impulsiva estão longe de constituir desideratos do trabalho de espontaneidade. Pertencem, pelo contrário, ao domínio da patologia da espontaneidade” (ver também Kipper, Green, & Prorak, 2010; Fox, 2002; Cukier, 2002). Moreno sugere inclusivamente um esquema chamado “Cânone da Espontaneidade – Criatividade” (Moreno, 2008, p. 60), onde relaciona a criatividade com a espontaneidade, que seria o seu catalisador, através do aquecimento. O produto final deste processo seriam as conservas culturais, ou seja, os objetos culturais criados, dos quais o livro poderia ser o arquétipo, “a conserva cultural por excelência” (Moreno, 1975, p. 158).

Moreno afirma ter descoberto que “o princípio comum produtor de catarse é a espontaneidade” (1975, p. 20), ou seja, dá-lhe um papel estratégico e dinâmico tanto no psicodrama como noutras formas de psicoterapia (ibidem, p. 37). Para além disso, tem em conta não apenas a espontaneidade do indivíduo como também a do grupo terapêutico: “o fundamento do psicodrama é o princípio da espontaneidade criadora, a participação desinibida de todos os membros do grupo na produção dramática e na catarse ativa” (Moreno, 1999, p. 32). Refere também a utilização da espontaneidade dos elementos do grupo como um importante critério diagnóstico.

3.2 A avaliação da espontaneidade

Moreno usava situações tipificadas, *in loco*, para medir a espontaneidade das respostas dos sujeitos em diversas situações de avaliação, quer em contexto de grupo terapêutico quer em situações de seleção, formação ou treino. Importa dizer que estes testes eram usados simultaneamente como avaliação e treino do *fator e*. Uma das suas primeiras e mais importantes obras – O teatro da espontaneidade –, publicada originalmente em alemão em 1924, coloca a espontaneidade no centro das preocupações do autor, não apenas na área do desenvolvimento dos atores, mas acima de tudo no tratamento das doenças mentais (Moreno, 2010). Moreno dedica um capítulo desta obra ao teste da espontaneidade, onde se refere a situações propostas aos atores, de forma inesperada, que permitem observar o nível de adequação das diferentes respostas (Moreno, 2010, p. 53 e seguintes). Nesse capítulo, refere-se a um quociente de espontaneidade que permitiria comparar diferentes indivíduos e que não seria equivalente aos seus resultados noutras aptidões psicológicas, como a inteligência ou a memória.

No livro “Psicodrama”, Moreno (1975) é mais detalhado em relação à forma de avaliar a espontaneidade, agora já não apenas de atores. Refere ser preferível ter um cenário adequado para realizar os testes de espontaneidade, onde se possa proceder a simulações de situações de emergência e observar as respostas dos indivíduos avaliados. Dá o exemplo de uma situação em que a pessoa testada finge estar numa casa onde há crianças e ela é o único adulto. É informada que um incêndio deflagrou numa das divisões da casa, e em função das respostas dadas, as situações e constrangimentos vão-se sucedendo, com um carácter cada vez mais complexo e difícil de resolver. Os comportamentos são anotados e avaliados pelo(s) observador(es), segundo um quadro de referência onde a velocidade, originalidade e adequação das respostas eram tidas em conta (Moreno, 1975, p. 151; Kipper & Shemer, 2006, p. 128).

Este tipo de avaliação possibilitou a Moreno o estudo sistemático de fenómenos ligados à espontaneidade e o desenvolvimento das suas teses sobre o tema. No entanto, a sua utilização é sem dúvida pouco económica, e muitos dos procedimentos e critérios usados na classificação das respostas são difíceis de replicar, já que não estão estandardizados. Como refere Kipper (2006), quando as ideias de Moreno foram lançadas nos anos 30 e 40, estes formatos de pesquisa eram relativamente bem aceites, mas a evolução das ciências sociais e humanas foi percorrendo outros caminhos e formulando outros tipos de exigência.

Para tentar lançar sobre o conceito da espontaneidade uma perspectiva epistémica e metodologicamente diferente, foram desenvolvidos vários testes psicométricos, já após a morte de Moreno (PAS: Personal Attitude Scale, Collins et al., 1997; PAS-II, Kellar et al., 2002; SAI-R: Spontaneity Assessment Inventory, Davelaar et al., 2008; Kipper & Shemer, 2006); APTS: Adult Playfulness Trait Scale, Shen, Chick, & Zinn, 2014, com uma subescala de espontaneidade). Entre a comunidade psicodramática, o SAI-R é o teste mais utilizado, e esse foi um dos principais motivos na decisão da sua adaptação para a população portuguesa.

O SAI (Spontaneity Assessment Inventory) e a sua versão revista, o SAI-R, foram desenvolvidos no início do séc. XXI por David Kipper, da Universidade de Roosevelt, em Chicago (Kipper & Hundal, 2005). Para a construção do questionário foram consultados 20 especialistas europeus e americanos em espontaneidade e(m) psicodrama, com pelo menos 25 anos de experiência, a quem foram pedidas listas de adjetivos que descrevessem a sensação de estar num estado espontâneo. A partir desse material, foi construído um inventário que, após sucessivos estudos e melhoramentos, deu origem ao SAI-R (Kipper & Hundal, 2005; Kipper, 2006; Kipper & Shemer, 2009).

3.3 A espontaneidade e a sua associação a outras medidas

Vários estudos correlacionais foram desenvolvidos a partir das duas versões deste instrumento (SAI e SAI-R), que permitiram caracterizar a espontaneidade e a relação com outras variáveis. Por exemplo, o valor médio da espontaneidade medida pelo SAI em 37 homens ($M=85.05$) foi significativamente superior ($t(104) = 2.18, p > .03$) ao das mulheres ($M=78.54; n=69$) num estudo (Kipper & Hundal, 2005), mas esses valores não se confirmaram num segundo estudo, onde as diferenças entre géneros não foram significativas (Christoforou & Kipper, 2006). Para além disso, no primeiro estudo referido, as correlações entre o SAI e todas as subescalas da escala de Bem-estar de Friedman mostraram-se positivas e significativas.

Usando ainda a mesma escala (SAI), Christoforou e Kipper (2006) encontraram, numa amostra com 85 estudantes universitários, de idades compreendidas entre os 18 e os 50 anos, correlações negativas e significativas entre as pontuações em espontaneidade e os resultados nas escalas de ansiedade-traço ($r=-.67$) e ansiedade-estado ($r=-.44$) medidas com a STAI (State-Trait Anxiety Inventory, de Spielberger, Gorsuch, Lushene, Vagg, e Jacobs, (1983). No mesmo estudo, encontraram ainda correlações negativas significativas

entre os resultados no SAI e os resultados no OCI-R (Obsessive-Compulsive Inventory – Revised, de Foa, et al. (2002), que mede a presença de sintomas de desordem obsessivo-compulsiva. Por fim, foram encontradas correlações positivas e significativas com apenas uma das 3 subescalas da TOS (Temporal Orientation Scale, Jones, Banicky, Pomar, & Lasane, 2004), a que assinala a orientação temporal para o presente.

De modo geral, os resultados destas pesquisas parecem ir ao encontro das sugestões teóricas de Moreno, ao associar pontuações altas em espontaneidade com resultados baixos em estados e traços de ansiedade e com tendências obsessivo-compulsivas, bem como uma maior probabilidade de pessoas mais espontâneas estarem mais focadas no presente.

Já trabalhando com a versão revista da escala (SAI-R), Kipper e Shemer (2007) confirmaram as correlações positivas significativas entre espontaneidade e bem-estar (Friedman Well Being Scale, Friedman, 1994), e negativas com o stress percebido (Perceived Stress Scale, de Cohen, Kamarck, e Mermelstein, 1983), enquanto Davelaar et al. (2008) encontraram correlações positivas entre os resultados do SAI-R e a motivação intrínseca (mas não com a motivação extrínseca) (medidas com o Work Preference Inventory, de Amabile, Hill, Hennessey, & Tighe, 1994) e correlações positivas entre a espontaneidade, a auto-eficácia percebida (medida com a Perceived General Self-Efficacy Scale, de Luszczynska, Scholz, e Schwarzer, 2005) e a auto-estima (medida com a Rosenberg Self-Esteem Scale, de Rosenberg, 2006). Em estudos usando metodologias que combinam medidas de processo e de produto, tem vindo a ser demonstrada a possibilidade de aumentar a espontaneidade, medida com o SAI-R, através da intervenção psicodramática (Gonzalez, Martins & Lima, 2018).

No entanto, diversos autores (e.g., López-González, Morales-Landazábal, & Topa, 2021; Kipper & Beasley, 2016) sugeriram a realização de futuras pesquisas utilizando o SAI-R em diferentes contextos culturais, visto que diferenças culturais podem limitar a interpretação dos itens e o conteúdo dos fatores. Além disso, o foco em instrumentos psicológicos confiáveis que analisem os níveis de espontaneidade dos sujeitos é um pré-requisito na literatura relacionada com a saúde mental e em contexto psicodramático (Kipper & Shemer, 2007; Gonzalez, Martins & Lima, 2018). Assim, considerando as pesquisas anteriores, o objetivo deste estudo foi testar o SAI-R no contexto português. Pretende-se, portanto, validar o instrumento SAI-R para a língua portuguesa, contribuindo igualmente para a consumação da sua validade nomotética, que como já visto, se reveste de um importante valor teórico (Kipper & Beasley, 2016). Nessa medida,

esta validação pode ser um auxílio importante tanto para investigadores como para psicólogos e terapeutas.

3.4 Conceitos teoricamente próximos da espontaneidade

Estudos anteriores mostraram que os scores do SAI-R estão positivamente associados com as medidas de bem-estar, autoeficácia, autoestima, motivação intrínseca e até da função executiva do cérebro. Além disso, o SAI-R correlacionou-se negativamente com stresse, ansiedade, evitação, tendência obsessivo-compulsiva, impulsividade e inibição (e.g., Davelaar et al. 2008; Kipper et al. 2009, 2010; Kipper e Shemer 2006).

Assim, para o estudo da validade convergente podem ser realizados estudos correlacionando-se o SAI-Rp com as dimensões de “Conscienciosidade”, “Abertura à experiência”, “Extroversão” e “Amabilidade” do NEO-FFI (que é a versão reduzida do NEO-PI-R) (Lima et al., 2014, Magalhães et al., 2014), esperando-se correlações positivas entre estas dimensões e o SAI-Rp. Para robustecer o estudo da validade convergente, pode também ser testada a correlação entre o SAI-Rp com a escala de Bem-Estar Psicológico (BEP), construto que, como já enunciado, tem sido igualmente associado à espontaneidade (Kipper & Hundal, 2005), sendo de esperar igualmente correlações positivas entre ambos.

Para a verificação da validade discriminante, podem ser realizados estudos correlacionando-se o SAI-Rp e a faceta N5 - Impulsividade do NEO-PI-R, bem como com a escala do Neuroticismo do NEO-FFI, esperando-se uma correlação negativa com o neuroticismo e negativa, fraca ou inexistente com a impulsividade, partindo das já referidas propostas teóricas de Moreno (Kipper, Green, & Prorak, 2010; Moreno, 2008). Esses resultados, tanto as correlações positivas quanto as negativas, são congruentes com as previsões teóricas sobre o significado de espontaneidade e, como tal, conferem alguma validade ao SAI-R.

3.5 Avanços em espontaneidade

3.5.1 Investigação e a (re)conceptualização teórica do SAI-R

Embora os trabalhos iniciais tenham, tradicionalmente, sido estudos descritivos baseados em casos específicos ou discussões teóricas, a evolução do estudo em psicodrama e

concretamente em espontaneidade foi percorrendo outros caminhos e formulando outros tipos de exigência (López-González, et al., 2021).

Segundo, a revisão de Kellermann (1987) no período entre 1952 e 1985 a investigação concentrou-se em ensaios destinados a validar a técnica psicodramática, procurando-se afirmar que o psicodrama é uma alternativa terapêutica eficaz para promover mudanças comportamentais em transtornos psicológicos. Todavia, nos resultados publicados, foi apontada a necessidade de mais de estudos, tanto correlacionais, como de ensaios clínicos controlados.

Mais tarde, Kipper e Ritchie (2003) realizaram uma meta-análise referindo-se ao período entre 1965 e 1999, e mais uma vez, a eficácia de certas técnicas de psicodrama foi confirmada tanto a nível individual, i.e., técnica a técnica, quanto como um todo i.e., como intervenção terapêutica eficaz. Em concreto, o tamanho de efeito foi de .95 (ligeiramente superior ao estabelecido na literatura científica para terapias de grupo) em que as técnicas de inversão e duplicação de papéis surgiram como as mais eficazes.

Depois Wieser, em 2006, analisou os resultados de uma meta-análise realizada por Grawe (1994) alguns anos antes, confirmando que o psicodrama é eficaz no tratamento de neurose e esquizofrenia. No entanto, a revisão concluiu afirmando que os principais benefícios terapêuticos do psicodrama estavam nas relações interpessoais dos pacientes e que o efeito nos sintomas era mais fraco. O mesmo autor, no ano seguinte (Wieser, 2007), publicou outra revisão analisando cerca de 50 estudos com três focos: (1) estudos sobre técnicas específicas que podem ser aplicadas em intervenções psicodramáticas (2) estudos com recurso a ensaios clínicos envolvendo diferentes terapias dramáticas, e (c) estudos perspetivando a eficácia do processo psicoterapêutico.

A equipa de investigadores de Portugal (Cruz, Sales, Alves & Moita, 2018) também destaca o valor das técnicas do psicodrama através de uma revisão sistemática que, para além de identificar as diferentes técnicas usadas no psicodrama de Moreno, tentou determinar qual delas tem maior nível de consenso entre a comunidade científica. Deste modo, foram identificadas 11 técnicas principais, a saber, solilóquio, duplo, espelho, inversão de papéis, interpolação de resistência, escultura, átomo social, objetos intermediários, jogos, sociometria e treino de papéis.

Em 2019, Orkibi e Feniger-Schaal realizam outra revisão sistemática englobando estudos que usaram vários métodos (qualitativos, estudos de caso, ensaios clínicos controlados, projetos de grupo único, etc.). Não sendo centrado exclusivamente em psicodrama, os autores destacaram que embora as pesquisas sobre intervenções psicodramáticas tenham

aumentado ao longo dos anos, a qualidade metodológica de alguns dos estudos realizados deve ser melhorada. Assim, devido à pressão para garantir intervenções baseadas em evidências e diminuir a suscetibilidade à interpretação subjetiva, nas últimas décadas, um número cada vez maior de estudos tem começado a documentar intervenções psicoterapêuticas baseadas no psicodrama.

Finalmente, López-González et al. (2021) referem que já no século 21, foram realizados 14 trabalhos de ensaio clínicos controlados com qualidade metodológica que permitem afirmar os resultados científicos de eficácia terapêutica em psicodrama. Adicionalmente, referem que estes trabalhos foram escritos por 11 equipas diferentes de investigação, o que destaca uma tendência consolidada para a colaboração entre investigadores. Note-se que embora não tenham sido identificadas publicações decorrentes de colaboração internacional, a maioria envolveu colaboração entre dois centros diferentes, sendo mais frequentemente a colaboração entre uma clínica de intervenção psicoterapêutica e uma instituição de Ensino Superior.

Em suma, até o século 21, as publicações sobre psicodrama tendiam a ser estudos descritivos ou quantitativos com pouco rigor metodológico. No entanto, nas últimas duas décadas, o número de ensaios clínicos controlados tem aumentado, como mostram López-González et al. (2021) mas sem nunca conceptualizar a medida de espontaneidade de Kipper. Assim, é emergente realizar esse trabalho, recorrendo a especialistas, no sentido de descrever o seu pensamento a propósito do modo como conceptualizam os itens do SAI-R. Ao fazê-lo pensamos ser possível aclarar ideias e conceitos que permitirão compreender e lançar bases para a construção de uma nova medida que possibilitará tanto aos investigadores como a todos os que usam o drama como intervenção considerar o conceito de espontaneidade de um modo mais abrangente no seu trabalho.

3.5.2 A hipótese de uma estrutura a 3 fatores

Recentemente, Kipper e Beasley (2016) reconcetualizaram o conceito de espontaneidade e desenvolveram uma versão do SAI-R a três fatores de primeira ordem. O primeiro, intitulado vigor / prazer, sugere que a espontaneidade é uma experiência prazerosa e dinâmica. O segundo fator, intitulado liberdade, indica que a espontaneidade é caracterizada por um sentimento de liberdade de expressão e ações não impedidas por convenções. O terceiro fator, intitulado envolvimento / foco, indica que a espontaneidade é uma experiência focada, uma característica que a separa da impulsividade. Esses fatores pareciam consistentes com a compreensão teórica da espontaneidade. Mais, a justificação

encontrada foi de que, recentemente, os especialistas referindo-se à sua prática, forneceram pistas que descreviam sentimentos e pensamentos que correspondiam a fatores de primeira ordem sobre o estado de espontaneidade e que estes estariam mais em linha com o pensamento de Moreno.

Segundo Moreno (1964), a espontaneidade é um impulso ou energia inata que é prazerosa. Apresenta um envolvimento profundo acompanhado por uma sensação de liberdade. Aliás, referem os autores, a etimologia da palavra espontaneidade é: um livre arbítrio. Tem um sentido direcional no sentido de que visa desencadear o processo criativo. E, parece que a solução de três fatores que adotaram (43.93 % variância explicada) parece capturar a essência da espontaneidade conforme caracterizada nesta ideia. Os alfas de Cronbach para o primeiro, segundo e terceiro fatores foram .88, .69 e .79, respetivamente. Assim, o modelo final revelou que o primeiro fator é de longe o maior dos três e explica 34,65% da variação. Os oito itens incluídos neste fator sugerem que a espontaneidade é uma experiência agradável e estimulante e que é forte. Tal caracterização é congruente com a afirmação consistente de Moreno (1964) de que espontaneidade é energia. Também é consistente com a descoberta de que a espontaneidade se correlaciona positivamente com o bem-estar e negativamente com o stresse (e.g, Kipper e Shemer 2006).

O segundo fator é “pequeno” e contém cinco itens que explicam 6,79% da variância. Este fator aborda uma das características mais importantes da espontaneidade, isto é, a espontaneidade não é apenas uma experiência prazerosa, mas também é caracterizada por uma sensação de liberdade de ações e expressões e uma atitude de não ser impedido por limites convencionais.

Os cinco itens que compõem o terceiro fator explicam 3,49% da variância. Embora “pequeno”, este fator liga-se à distinção entre espontaneidade e impulsividade. Sugere que a espontaneidade é um estado de espírito mais concentrado e deliberado em oposição à impulsividade, uma forma de expressão marcada por sentimentos emocionais, fora de foco e descontrolados, tipicamente associados a sentimentos muitas vezes desagradáveis. Esta faceta da espontaneidade é consistente com os resultados de Kipper et al. (2010) que relataram que o SAI-R se correlaciona negativamente com a impulsividade, ou seja, com a incapacidade de lidar efetivamente com situações ou emoções negativas, falhando em reagir adequadamente, mostrando por vezes resposta tardia e/ou a falta de perseverança, ou seja, a falha do sujeito em concentrar-se ou em comprometer-se consistentemente numa atividade.

Face à baixa representatividade dos fatores dois e três, os autores, realizaram um scree plot que mostrou uma inflexão que sugeria dois fatores. No entanto, optaram pela solução dos três fatores por se adequar melhor à teoria de Moreno e que levou à construção da medida. Todavia a solução final proposta por Kipper e Beasley (2016) levanta duas questões que merecem ser verificadas. Primeiro, a maioria dos participantes do estudo era do sexo feminino. Embora o estudo não tenha mostrado diferença estatisticamente significativa sobre o género, será aconselhável conduzir investigações onde este aspeto é melhor controlado. Em segundo lugar, todos os participantes eram estudantes e também este aspeto merece um estudo mais aprofundado de modo a possibilitar a generalização dos resultados.

4 Estudo 1: Validação do SAI-Rp

4.1 Participantes

No total, participaram no estudo 2940 indivíduos [(Mulheres =1659; 56.4%); (Homens=1281; 43.6%)]. A idade média dos participantes foi de 28.5 anos (DP = 7.51) e as idades variaram entre 18 e os 69 anos. Os dados foram recolhidos através de uma plataforma online de uma empresa de estudos de mercado implantada em Portugal desde 1998. A Tabela 2, mostra em pormenor as características dos diversos sujeitos.

Tabela 1. Caracterização da amostra total

		N	%
Género	1 Feminino	1659	56.43
	2 Masculino	1281	43.57
Idade	M=28.45, DP=7.51, Min=18; Max=69		

Face aos objetivos do estudo e a partir desta base, os participantes foram selecionados aleatoriamente de modo a corresponder à dimensão da amostra considerada necessária. Assim, para avaliar a dimensionalidade e a fiabilidade da versão portuguesa do SAI-R (daqui em diante designado SAI-Rp), fizeram parte da amostra 381 sujeitos com idades compreendidas entre os 19 e os 79 anos, com uma média de 41.23 anos (DP=16.25). Os participantes do sexo masculino representaram 48.29% (n=184) do total da amostra, e os do sexo feminino 51.71% (n=197), não havendo diferenças na distribuição ($\chi^2(1)=0.444$,

$p=.505$). Os homens ($M=44.55$, $DP=15.37$) obtiveram uma média de idades significativamente superior às mulheres ($M=38.14$, $DP=16.48$) ($F(1.379)=15.366$, $p=.001$).

Para efeitos de avaliação do modelo estrutural participaram 348 sujeitos. A média de idade foi de 27,78 anos ($DP = 7,86$), onde 179 eram do sexo feminino (51,4 %) e 169 eram do sexo masculino (48,6%). Para efeitos de verificação da invariância do modelo, foram selecionados e considerados mais 371 questionários para a análise dos dados, com uma média de idade dos participantes de 28,46 anos ($DP = 7,47$), dos quais 223 eram do sexo feminino (60,1%) e 148 do sexo masculino (39,9%). É importante notar que em ambas as recolhas de dados, os tamanhos das amostras excederam o mínimo ($n = 200$) recomendado para modelagem de equações estruturais com estimativa de máxima verossimilhança (Hair, Black, Babin, & Anderson, 2009).

Para a avaliação da validade convergente, foram incluídos 90 participantes, sendo 74% do sexo feminino, em que 57% têm o 12º ano de escolaridade. As idades estão compreendidas entre os 19 e os 65 anos, sendo a média de 29 anos, e as idades mais frequentes 20 ($n = 14$) e 22 ($n = 11$). Relativamente à situação profissional, 49 (54%) são estudantes universitários, 35 (39%) são trabalhadores empregados, 4 (4.4%) encontram-se desempregados, os restantes 2 (2.2%) participantes encontram-se noutra situação (reforma e trabalhador estudante).

Para a avaliação da validade divergente, selecionaram-se 216 participantes de ambos os géneros, 72% do sexo feminino e os restantes 28% do sexo masculino e com idades compreendidas entre os 18 e os 58 anos, sendo a média de 29 anos. Os dados foram recolhidos em dois contextos distintos, nomeadamente universitário e empresarial. A maior parte dos respondentes eram estudantes (43%) sendo 36% empregados e 21% trabalhadores-estudantes. A média de idades foi de 29 anos ($Mín.= 18$ anos, $Máx.= 58$ anos).

4.2 Instrumentos

Tal como no estudo 1 e 2, a espontaneidade foi avaliada utilizando a versão em língua portuguesa do SAI-R p .

Nessa medida, reafirmamos que foi utilizada uma versão em língua portuguesa (ver Anexo 1 – SAI-R p) obtida depois de traduzida a partir da versão americana do SAI-R (ver acima), sob autorização direta de David Kipper, retro traduzida para o inglês por

outra tradutora, tendo sido discutida a sua equivalência por um painel de 3 especialistas portugueses em psicodrama. A comparação das duas formas levou à conclusão de que os dois instrumentos eram conceitualmente equivalentes. O Revised Spontaneity Assessment Inventory (SAI-R) original é composto por dezoito itens (ver Anexo). Os respondentes são solicitados a indicar como descrevem a intensidade dos seus sentimentos ou pensamentos num dia típico, utilizando uma escala do tipo Likert de 5 pontos que varia de 1 (muito fraca) a 5 (muito forte). Os itens da amostra incluem, por exemplo: "1. Criativo; 2. Feliz; 8. Livre para agir, até exageradamente; 9. Vivendo plenamente com equilíbrio; 17. Capaz de fazer qualquer coisa, dentro dos limites; 18. Alegre". Os primeiros estudos com este instrumento mostraram um alfa de Cronbach variando entre .84 e .92 (Davelaar et al., 2008).

O bem-estar psicológico foi avaliado através da BEP - Escala de Bem-Estar Psicológico (Psychological Well-Being Scale, Ryff, 1989; Ryff & Essex, 1992; versão portuguesa de Novo, Duarte-Silva, & Peralta, 1997). Integra 84 itens, e as respostas são dadas numa escala de tipo likert de 5 pontos, de 0 (discordo fortemente) a 4 (concordo fortemente), que avaliam, para além da escala Total, 6 dimensões (14 itens por dimensão): Autonomia, Crescimento pessoal, Objetivos de vida, Domínio do meio, Relação positiva com os outros, Aceitação de si.

Para avaliar a validade concorrente, foi utilizada a versão Portuguesa do NEO-FFI (Magalhães et al., 2014) construída a partir da versão Portuguesa do NEO-PI-R (Lima & Simões, 1997; 2006). Tal como na versão original norte-americana, esta versão reduzida é constituída por 60 itens (12 por dimensão), respondidos numa escala do tipo Likert de 5 pontos de 0 (discordo fortemente) a 4 (concordo fortemente). As dimensões em avaliação são Conscienciosidade, Neuroticismo, Extroversão, Amabilidade e Abertura à experiência (Magalhães et al., 2014).

Para avaliar a validade divergente foi utilizada a faceta N5 ou Impulsividade, que é uma das 6 facetas do Neuroticismo do NEO-PI-R (Costa & McCrae, 1992; Lima & Simões, 1997; 2000; 2006) e é composta por oito itens. Esta faceta pode ser definida como a incapacidade do indivíduo se controlar e resistir a tentações.

4.3 Procedimentos

Todos os participantes foram instruídos sobre o objetivo e procedimentos do estudo antes de preencherem um termo de consentimento livre e esclarecido. Foi enfatizada a

importância do estudo bem como da participação, tendo todos os sujeitos aceitado participar voluntariamente, sob garantia do anonimato e da confidencialidade das respostas. Foram também dadas instruções sobre o modo de preenchimento. Os questionários foram auto-administrados e o seu preenchimento durou aproximadamente 20 minutos (foram incluídos outros instrumentos, para além dos usados neste trabalho).

4.4 Análise de dados

Para analisar os dados, foi usado o software AMOS 24.0 (SPSS Inc, Chicago, IL).

Para avaliar a adequação da amostra à factorização unidimensional originalmente proposta, foi realizada uma análise fatorial exploratória, sendo calculados o valor próprio (Kaiser-Meyer-Olkin) e verificada a esfericidade (Bartlett's Test of Sphericity) (Gorsuch, 1997; Kaiser, 1974). Foram estudadas também a consistência interna (alfa de Cronbach) e as propriedades dos itens, nomeadamente a sua normalidade (teste de Kolmogorov-Smirnov) e homogeneidade (correlação do item com a escala total) (Marôco, 2011). Finalmente, foram calculadas as comunalidades para despistar a possibilidade de multicolinearidade, isto é, para verificação de sobreposição de itens. Para avaliação das comunalidades procedeu-se a análise paralela (O'Connor, 2000). Para reter cada item, utilizou-se o critério da carga fatorial igual ou maior que .4 num único fator (Hair, Black, Babin, & Anderson, 2009). Depois, foi realizada uma análise fatorial confirmatória (AFC) com o método de máxima verossimilhança (Bentler, 2007).

Os pressupostos do modelo fatorial confirmatório, nomeadamente a normalidade dos itens multivariados e a inexistência de *outliers* foram avaliados pelos coeficientes de forma (assimetria e achatamento) e pela distância quadrada de Mahalanobis (D^2), respetivamente (Arbuckle, 2009).

Para avaliar a qualidade do ajustamento global do modelo, são considerados diversos indicadores, nomeadamente: Estatística de teste qui quadrado (X^2); Razão do qui quadrado pelos graus de liberdade (χ^2/gl) considerando-se que χ^2/gl com valor inferior a 5,0 indica um ajustamento do modelo aos dados aceitável, e um valor inferior a 3.0 indica um bom ajustamento do modelo aos dados (Arbuckle, 2009; Kline, 2004).

Seguidamente foram testados diversos índices, nomeadamente, índices CFI (Comparative Fit Index), GFI (Goodness Fit Index), e TLI (Tucker-Lewis Index), em que valores superiores a .90 e superiores .95 indicam bom e muito bom ajustamento, respetivamente (Marôco, 2010); Índices de parcimónia, PCFI (Parsimony Comparative of Fit Index) e

PGFI (Parsimony goodness of Fit Index), em que valores a variar entre .60 e .80 indicam bom ajustamento e valores superiores a .80, indicam muito bom ajustamento.

Finalmente foi verificado o RMSEA (Root Mean Square Error of Approximation) em que quando o índice é inferior a .06, com uma probabilidade $P[\text{rmsea} \leq .05]$ não significativa, indica um bom ajustamento do modelo (Schumacker & Lomax, 1996).

O significado dos pesos estruturais foi avaliado usando os testes-Z produzidos pelo AMOS para adequação do modelo estrutural e de modo a testar as relações entre os constructos propostos, considerando-se $Z \geq 1,96$ e significância estatística quando $p \leq .05$ (Marôco, 2010).

A consistência interna do constructo foi avaliada através da fiabilidade compósita (Hair, Black, Babin, & Anderson, 2009), enquanto os valores da variância média extraída (VME) foram estimados para avaliar a validade convergente (Fornell & Larker, 1981). Considera-se que uma fiabilidade compósita superior ou igual a .60, uma VME superior ou igual a .50, são indicadores de constructos fiáveis e válidos (Fornell & Larker, 1981). Além disso, a fim de avaliar a validade cruzada foi realizada uma análise multigrupos para comparar a primeira amostra com uma segunda amostra. A invariância do modelo em ambas as amostras foi testada comparando o modelo livre com os modelos restritos (cargas fatoriais fixas e variâncias / covariâncias fixas). A invariância fatorial foi aceite quando os modelos não diferiram significativamente ($p > .05$), de acordo com a estatística χ^2 (Loehlin, 2003; Marôco, 2010).

Para a verificação das validades concorrente e divergente, utilizou-se o coeficiente de correlação de Pearson de modo a exprimir o grau de associação entre os diversos instrumentos. Os valores podem variar entre -1 e 1 indicando que a medida é negativamente associada quando os valores variam entre -1 e 0 e indica correlação positiva quando os valores variam entre 0 e 1. A utilização deste coeficiente exige que as relações entre as variáveis sejam lineares, que exista homocedasticidade (não variação comum dos erros) e que a distribuição entre elas seja normal. Estes pressupostos foram anteriormente verificados, pelo que se prosseguiu diretamente para o cálculo das associações entre medidas.

4.5 Resultados

4.5.1 Análise Fatorial Exploratória

Como afirmado, para a verificação da unidimensionalidade da escala, proposta por Kipper e Shemer (2007) analisamos as saturações fatoriais dos itens. Os resultados revelaram que todos os itens saturam significativamente nesse fator. O valor próprio foi superior a 1, e a variância explicada (39.46 %), tornando plausível a hipótese de unidimensionalidade. O primeiro fator explica cerca de cinco vezes mais que a variância explicada pelo segundo componente, acresce que o segundo componente obtém valores próximos dos seguintes.

As saturações fatoriais foram elevadas, oscilando entre .49 e .73, com uma média de .63. As comunalidades foram também satisfatórias, já que, apesar de vários itens apresentarem valores baixos, em média foi atingido o ponto de corte de .40. Na tabela 2 são apresentados estes resultados.

Tabela 2. Cargas fatoriais, comunalidades, média, desvio-padrão (DP) e correlação inter-item do SAI-Rp

Item	λ	Comunalidades	Média	DP	Correlação inter-item
1. Criativo/a	.51	.26	3.25	.91	.46
2. Feliz	.70	.49	3.77	.75	.64
3. Desinibido/a	.55	.30	3.35	.90	.49
4. As coisas parecem fluir	.58	.34	3.25	.77	.53
5. Vivo/a	.66	.44	3.96	.83	.60
6. Livre para criar	.64	.41	3.38	.94	.59
7. Eufórico/a	.59	.36	2.83	1.01	.54
8. Livre para agir, até exageradamente	.62	.38	2.94	.97	.57
9. Vivendo plenamente com equilíbrio	.62	.39	3.51	.80	.56
10. Com energia	.71	.50	3.69	.78	.65
11. Com controlo	.49	.24	3.76	.75	.42
12. Leve e amorosamente	.59	.34	3.52	.90	.52
13. Completo/a	.72	.52	3.48	.86	.66
14. Prazer	.71	.51	3.60	.79	.65
15. Poderoso/a	.62	.39	3.10	.91	.57
16. Bem sucedido/a	.61	.37	3.38	.82	.55
17. Capaz de fazer qualquer coisa, dentro dos limites	.59	.35	3.72	.81	.53
18. Alegre	.73	.53	3.94	.79	.66

Nota: (KMO=.924; Bartlett's Test of Sphericity: $\chi^2(153)=2653.65, p<.001$)

A escala total obteve uma média de 62.43 (DP=9.55), a assimetria estandardizada (AE) foi de 1.032 e a curtose estandardizada (CE) de 1.096. O teste de Kolmogorov-Smirnov revelou a normalidade da distribuição da amostra [K-S (381)=.993, p=.06]. No estudo da homogeneidade dos itens através da correlação do item com a escala total, considerado um indicador da discriminação dos itens, foram obtidos valores que oscilaram entre .42 e .66, com uma média de .57. Estes valores são estatisticamente significativos para $p < .01$ e adequados em magnitude. Adicionalmente, foi obtido um alfa de Cronbach de .92, valor que pode ser considerado excelente para a fiabilidade do instrumento. Mediante os resultados obtidos consideramos a unidimensionalidade da escala tal como na versão original (Kipper & Shemer, 2007).

4.5.2 Análise Fatorial Confirmatória

Os resultados confirmam os pressupostos de normalidade univariados, (ver Tabela 3) tendo em consideração que os valores absolutos de assimetria e curtose estão abaixo de 3 e 7, respetivamente (Kline, 2004). No entanto, o coeficiente de Mardia (Coeficiente = 46,328) indicou ausência de distribuição multivariada (Bentler & Wu, 1993). Assim, foi utilizado o procedimento de *bootstrapping* (B-S) de Bollen e Stine para ajustar o valor p da estatística qui-quadrado.

Tabela 3. Estatísticas Descritivas do SAI-Rp

Item	M	DP	Min	Max	Assimetria	Curtose
1. Criativo/a	3.42	.88	1	5	-.30	.01
2. Feliz	3.59	.83	1	5	-.38	.10
3. Desinibido/a	3.15	.95	1	5	-.04	-.37
4. As coisas parecem fluir	3.33	.84	1	5	-.24	-.10
5. Vivo/a	3.87	.91	1	5	-.46	-.31
6. Livre para criar	3.40	.95	1	5	-.17	-.32
7. Eufórico/a	2.93	.90	1	5	-.09	-.06
8. Livre para agir, até exageradamente	2.93	.94	1	5	-.03	-.29
9. Vivendo plenamente com equilíbrio	3.32	.91	1	5	-.13	-.27
10. Com energia	3.55	.83	1	5	-.28	-.08
11. Com controlo	3.69	.88	1	5	-.46	-.10
12. Leve e amorosamente	3.51	.92	1	5	-.32	-.26
13. Completo/a	3.30	.82	1	5	-.18	.20
14. Prazer	3.53	.84	1	5	-.35	.07
15. Poderoso/a	3.12	.90	1	5	-.09	-.18
16. Bem sucedido/a	3.27	.89	1	5	-.30	-.04
17. Capaz de fazer qualquer coisa, dentro dos limites	3.62	.91	1	5	-.57	.19
18. Alegre	3.82	.84	1	5	-.51	.21

Nota: M = média; DP = Desvio Padrão; Min = mínimo; Max = máximo.

A avaliação global do modelo estrutural [$\chi^2(135) = 608.319$, B-S $p < .001$; $X^2 / df = 4.51$; PCFI = .74; PGFI = .65; CFI=.84; GFI=.82; TLI=.81; RMSEA=.10; 90% CI [.093 – .110]) indica um ajustamento aceitável do modelo aos dados, apesar de nem todas as cargas fatoriais estimadas terem excedido o ponto de corte de .50 (Loehlin, 2003), variando entre .44 e .78. Os valores de CFI, GFI e TLI cumprem o critério recomendado para bom ajustamento (Hair et al., 2009). Além disso, o RMSEA mostrou também a existência de bom ajustamento (Hair et al., 2009; Marôco, 2010) indicando, portanto, que os valores dos índices CFI, GFI e TLI estavam de acordo com o critério ($>.80$) para uma boa adequação do modelo aos dados, enquanto a RMSEA variou entre .05 e .10 sugerindo também bom ajustamento (Hair et al., 2009).

Tabela 4. Modelo Re-especificado do SAI-Rp

Item	λ	RC	p	R^2	FC	VME
1. Criativo/a	.41	7.786	.001	.17	.95	.50
2. Feliz	.68	7.291	.001	.46		
3. Desinibido/a	.45	6.013	.001	.20		
4. As coisas parecem fluir	.60	6.972	.001	.36		
5. Vivo/a	.62	7.061	.001	.39		
6. Livre para criar	.54	8.836	.001	.29		
7. Eufórico/a	.48	6.315	.001	.23		
8. Livre para agir, até exageradamente	.55	6.722	.001	.30		
9. Vivendo plenamente com equilíbrio	.73	7.484	.001	.54		
10. Com energia	.68	7.321	.001	.47		
11. Com controlo	.54	6.635	.001	.29		
12. Leve e amorosamente	.68	7.284	.001	.46		
13. Completo/a	.72	7.443	.001	.52		
14. Prazer	.78	7.618	.001	.61		
15. Poderoso/a	.68	7.345	.001	.47		
16. Bem sucedido/a	.69	7.343	.001	.48	.95	.50
17. Capaz de fazer qualquer coisa, dentro dos limites	.70	7.378	.001	.48		
18. Alegre	.69	7.326	.001	.48		

Nota:

λ = carga fatorial; RC= rácio crítico; p = valor de significância; R^2 = Correlação quadrada; VME = variância média extraída ; FC = Fiabilidade compósita; *** p = .001

De acordo com os resultados, nem todos os itens do modelo original atingiram o valor de corte recomendado. No entanto, foi decidido manter esses itens, uma vez que são teoricamente sustentáveis e necessários (Kipper & Shemer, 2007; Kipper & Beasley,

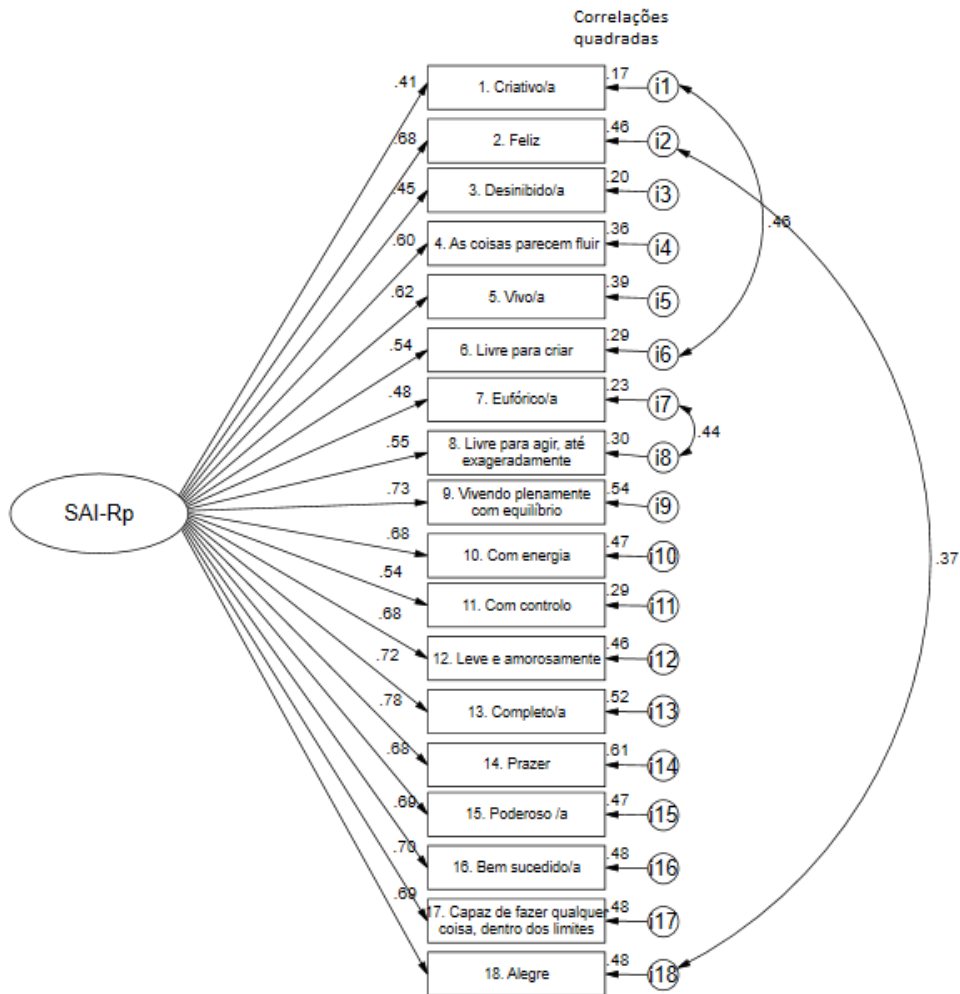
2016). Além disso, os índices de modificação (IM) sugeriram algumas correlações de erro que melhoram o ajustamento do modelo. Assim, as covariâncias de erro entre os itens 1 - "Criativo" e 6 - "Livre para criar" (IM = 71.802, EPC = .30), entre os itens 7 - "Eufórico" e 8 - "Livre para agir, até exageradamente" (IM = 65.882, EPC = .29), entre os itens 2 - "Feliz" e 18 - "Alegre" (IM = 46.244) foram assinaladas, confirmando que os dois erros quando correlacionados melhoram significativamente o ajustamento do modelo. Ainda, examinando o conteúdo dos itens, ficou expressa a possibilidade que eles podem ter um grau de redundância e por isso foi decidido correlacionar os erros de medida correspondentes. Conforme relatado na Tabela 4, os índices de ajustamento indicaram melhorias ligeiras no modelo.

Assim, o índice global do modelo estrutural permaneceu aceitável [$\chi^2(132)=410.404$ B-S $p<.001$; $X^2/df = 3.109$; CFI=.90; GFI=.87; TLI = .89; PCFI = .78; PGFI = .68; RMSEA= .09 ; $p = .001$; 90% CI (.069 – .87)] e os índices de parcimónia PCFI e PGFI permaneceram qualitativamente inalterados. No entanto, os valores de adequação dos CFI, GFI e TLI elevaram-se para valores qualitativos de muito bom ajustamento. De assinalar que nem todos os itens apresentaram fiabilidades individuais adequadas ($R^2 \geq .25$), variando entre .17 e .61, enquanto os valores do teste-Z indicaram significância estatística variando entre 10.27 e 21.80 (Hair et al., 2009).

As cargas fatoriais do modelo reespecificado e as correlações quadradas dos itens são apresentadas na Figura 1. A fiabilidade compósita foi garantida (FC = .95), ultrapassando largamente o mínimo recomendado de .70 (Bagozzi & Kimmel, 1995). O alfa de Cronbach revelou também a boa consistência interna da escala ($\alpha = .91$). As evidências de validade cruzada também foram confirmadas, uma vez que o valor da VME foi de .50, que é o valor de corte recomendado para este índice (Anderson & Gerbing, 1981; Fornell & Larcker, 1981).

Adicionalmente, os valores da média (e desvio padrão) da espontaneidade obtidos em função do género na amostra recolhida foram de 61.22 (10.56) para as mulheres e de 62.96 (10.21) para os homens e essa diferença não foi significativa.

Figura 1. Cargas Fatoriais e Correlações Quadradas dos Itens do SAI-Rp



Nota. [$\chi^2(132) = 410.404$ ($p < 0,001$); $\chi^2/df = 3.19$; CFI = .90, GFI = .87; TLI = .89; RMSEA = .078 ($p = .001$)]

4.5.3 Validade Cruzada

A fim de estudar a estabilidade do modelo, procedeu-se à verificação da validade cruzada. Mais especificamente, foi realizada uma análise multi-grupos, utilizando duas amostras equivalentes, i.e., os participantes apresentaram características demográficas semelhantes (Amostra 1 = 348; Amostra 2 = 371). Como se pode verificar na Tabela 5, o ajustamento do modelo livre [Modelo 1: $\chi^2(264) = 862.13$; PCFI = .77; PGFI = .67; CFI = .90; GFI = .87; RMSEA = .06] revelou-se aceitável (Marôco, 2010). Do mesmo modo, foram testados os modelos com variâncias fixas [Modelo 2: $\chi^2(282) = 889.90$ (B-S $p < .66$); PCFI = .83; PGFI = .72; GFI = .87; CFI = .90; RMSEA = .06] e o modelo com resíduos

fixos [Modelo 3: $\chi^2(303) = 917.23$ (B-S $p < .60$); PCFI = .86; PGFI = .77; GFI = .87; CFI = .89; RMSEA = .05], que mostraram um ajustamento também aceitável. A estatística do χ^2 não mostrou diferenças significativas entre o Modelo 1 e o Modelo 2 ($\chi^2_{dif}(18) = 72.23$; B-S $p = .66$) ou o Modelo 1 e o Modelo 3 ($\chi^2_{dif}(39) = 27.38$; B-S $p = .160$). Assim, os resultados demonstraram a invariância do modelo em ambas as amostras, mostrando que a estrutura fatorial de SAI-Rp é estável em duas amostras independentes (Loehin, 2003; Marôco, 2010) e nessa medida, indicando validade cruzada.

Tabela 5. Resultados da Análise Multi-grupos da AFC do SAI-Rp.

Modelos	χ^2	gl	$\Delta\chi^2$	Δgl	B-S p	PCFI	PGFI	GFI	CFI	RMSEA
Modelo 1	862.13	264	---	---	---	.77	.67	.87	.90	.06
Modelo 2	889.90	282	72.23	18	.066	.83	.72	.87	.90	.06
Modelo 3	917.23	303	55.10	39	.160	.86	.77	.87	.89	.05

Nota. Amostra 1: $n=348$; Amostra 2: $n=371$.

4.5.4 Validade concorrente e validade divergente

Os resultados (tabela 6) mostram correlações significativas entre o SAI-Rp e o BEP, tanto na escala Total como em todas as suas sub-escalas. Essas associações são consideradas fortes no caso da escala BEP_{Total} ($r=.61$, $p \leq .01$) e das subescalas “objetivos de vida” ($r=.53$, $p \leq .01$) e “aceitação de si” ($r=.56$, $p \leq .01$) e moderadas, variando entre .30 e .56 ($p \leq .01$) no caso das restantes (ver Tabela 3). Os resultados mostram também correlações significativas entre o SAI-Rp e as dimensões do NEO-FFI, nomeadamente, correlação forte na Extroversão ($r=.55$, $p \leq .01$) e correlações moderadas na Amabilidade ($r=.38$, $p \leq .01$) e Conscienciosidade ($r=.29$, $p \leq .01$).

Os resultados (tabela 6) revelaram que a correlação entre SAI-Rp e o N5 - impulsividade como era esperado não é significativa. Encontrou-se ainda uma correlação negativa significativa (-0.25 , $p \leq .05$) entre a espontaneidade e o neuroticismo (NEO-FFI - N).

Tabela 6. Correlações entre o SAI-Rp, o BEP, o N5 e o NEO-FFI

	SAI-Rp
BEP total	.61**
BEP Autonomia	.30**
BEP Crescimento pessoal	.37**
BEP Objetivos de vida	.53**
BEP Domínio do meio	.36**
BEP Relação positiva com os outros	.47**
BEP Aceitação de si	.56**
NEO-FFI_N	-.25*
NEO-FFI_E	.55**
NEO-FFI_O	.10
NEO-FFI_A	.38**
NEO-FFI_C	.29**
N5	.18

*p<.05; **p<.01

Como afirmado, os resultados mostram em alguns casos uma sobreposição entre itens 1. (“Criativo”, $\lambda=.41$) e 6. (“Livre para criar”, $\lambda=.54$)] e entre itens 2 (“Feliz”, $\lambda=.48$) e 18 (“Alegre”, $\lambda=.69$)], e em outros casos os itens apresentaram cargas fatoriais abaixo do valor de corte (.50) estabelecido na análise fatorial confirmatória, são eles o item 3 (“Desinibido”, $\lambda=.45$) e item 7 (“Eufórico”, $\lambda=.48$). Por esta razão decidiu-se estudar a representação que os especialistas têm acerca da utilização destes itens nas suas intervenções.

5 Estudo 2. Reconceptualização do SAI-R

5.1 Participantes

De modo a reconceptualizar o SAI-R, procedeu-se ao estudo dos itens problemáticos provenientes do modelo estrutural encontrado no Estudo 1.

Foram inquiridos seis psicodramatistas *experts* no sentido de descrever o seu pensamento a propósito do modo como conceptualizam os conceitos implicados nos itens do SAI-R. De modo a garantir que o tema é explorado com um elevado nível de qualidade a escolha dos especialistas assentou nos seguintes critérios (Bogdan & Biklen, 1994):

- Possuírem o título de psicodramatista reconhecido pela Sociedade Portuguesa de Psicodrama e estando presentemente em atividade;
- Serem reconhecidos e indicados pelos seus pares;

- Formação académica;
- Autoria de artigos técnico-científicos da especialidade

Tabela 7. *Características dos Participantes (Género, Idade, Experiência em Psicodrama*

	Género	Idade	Formação em Psicodrama	
			Experiência	Sociedade
Psicodramatista A	Masc.	76	25	Sociedade Portuguesa de Psicodrama
Psicodramatista B	Masc.	70	30	Sociedade Portuguesa de Psicodrama
Psicodramatista C	Masc.	69	39	Sociedade Portuguesa de Psicodrama
Psicodramatista D	Fem.	61	25	Sociedade Portuguesa de Psicodrama
Psicodramatista E	Masc.	44	18	Sociedade Portuguesa de Psicodrama
Psicodramatista F	Masc.	44	13	Sociedade Portuguesa de Psicodrama
Psicodramatista G	Masc.	37	14	Sociedade Portuguesa de Psicodrama

A idade dos participantes variou entre a idade mínima de 37 anos e a idade máxima de 76 anos, sendo a média de idades 57.3 anos (Desvio padrão=14.3 anos). Quanto à experiência, os valores variaram entre 13 anos para a experiência mínima e os 39 anos para a máxima, sendo a experiência média de 23.4 anos (Desvio padrão=8.6 anos).

5.2 Instrumentos

Os métodos qualitativos podem ser usados para revelar pensamentos e atitudes das realidades descritas em que a principal utilidade é refletir com clareza e profundidade o processo mediante o qual os indivíduos constroem significados (Bogdan & Bilken, 1994). A inclusão de indivíduos específicos é baseada na ideia de que estes facilitam a compreensão de teoria em formação (Bogdan & Biklen, 1994). Nesta ordem de ideias, esta componente da tese envolve o pensamento de experts acerca dos itens do SAI-Rp.

Com o objetivo de captar o pensamento dos *especialistas*, recolhendo em pormenor, mas com um certo grau de flexibilidade as respostas dos participantes, utilizámos um inquérito semi-estruturado (Anexo 3). Em concreto, o “guião” do inquérito enuncia os itens específicos do SAI-Rp, solicitando aos participantes que indiquem quais são os termos ou frases que manteriam ou rejeitariam na avaliação da espontaneidade de um(a) cliente.

Com a finalidade de levar os *especialistas* a aprofundar o seu pensamento, foi pedido também, que sempre que possível, nos dessem a conhecer o racional que ajudou a decisão. Construímos o “guião” do inquérito em 3 fases. Na primeira definimos os itens problemáticos resultantes da análise dos itens, em específico das saturações fatoriais dos itens resultantes da análise fatorial confirmatória. Na segunda fase, em painel de investigadores, procurámos identificar quais as questões a ser utilizadas para melhor aprofundamento da reflexão dos especialistas. Procurado evitar possíveis situações de indução de respostas, numa terceira procedeu-se a um apuramento das perguntas através de novo painel de especialistas em investigação e em psicodrama.

5.3 Procedimentos

Foi realizado um contato telefónico a todos os participantes revelando a intenção, os objetivos e a necessidade da sua participação no estudo. Foi sublinhado que as respostas podiam ser dadas *on-line* e num dia da sua conveniência dentro de um certo intervalo de tempo. Na mesma semana em que estipulámos para a recolha de respostas foi novamente realizado um contato telefónico voltando a sublinhar a importância da sua participação, esclarecendo os motivos que levaram ao pedido. Após a anuência, explicámos novamente que procurassem dar uma justificação sempre que possível e que a resposta ao inquérito poderia ser interrompida e/ou retomada se e quando desejassem.

Finalmente foi pedido uma verdadeira abertura ao pensamento, sublinhando que não faríamos avaliações às respostas ou pensamentos. Posteriormente as respostas foram transcritas para processador de texto Word.

5.4 Análise de dados

Dada a natureza do estudo, não se esperou confirmar respostas ou hipóteses, mas sim extrair ideias que nos possibilitassem conceptualizar em profundidade cada um dos itens do SAI-R. Assim, através de leitura das respostas dos psicodramatistas estabelecemos contacto com a decisão de inclusão ou não de cada item inspecionado bem como dos critérios e das justificações utilizados. Esta leitura “ligeira” permitiu uma perceção ou mesmo impressão da direção a seguir, estabelecendo linhas de orientação para uma análise mais aprofundada. Seguidamente organizámos os dados por itens com erros correlacionados e itens com valor de corte abaixo do inicialmente estabelecido,

construindo-se para o efeito quadros síntese. Como afirmado foram estabelecidos, dois grandes temas (categorias), para proceder à caracterização das orientações conceptuais dos inquiridos. Numa primeira coluna, transcreveu-se a resposta sobre a inclusão ou não do item. Numa segunda coluna, sintetizaram-se respostas nas matrizes teóricas utilizadas. Decorrente do processo anterior através de uma leitura mais precisa, descreveram-se as respostas para interpretação analítica, sublinhando as ideias relevantes de modo a atingir uma representação do racional utilizado. O critério de análise de conteúdo resulta da natureza das respostas do entrevistado e ainda decorrente das questões formuladas em cada item.

O controlo da fidelidade resultou da discussão em painel de especialistas (1 investigador especializado em ciências psicológicas e 2 investigadores especialistas tanto em ciências psicológicas como em psicodrama). Primeiro, verificou-se a base de dados e os procedimentos, demonstrando a plausibilidade, as evidências e as exceções das respostas. A análise dos dados, nomeadamente sobre a decisão de remover itens ou conceptualizar num outro item resultante das justificações dadas, foi realizada utilizando o índice de Bellack:

$$\frac{Acordos}{(Acordos + Desacordos)} \times 100$$

Esta percentagem permite decidir pela inclusão ou exclusão de itens com base na perceção/observação existente entre os diferentes *especialistas*. Assim, para uma decisão fiável é necessária uma percentagem de pelo menos 80-85% de acordos numa das categorias. Quando foram encontradas inconsistências entre os investigadores, os dados foram novamente avaliados. Após esta fase, confirmou-se a análise dos dados e a sua interpretação. Aqui, os investigadores discutiram aprofundada e exaustivamente, até chegarem a um consenso para as classificações. Quando emergiram dúvidas, as respostas foram relidas e discutidos de novo. O ponto de vista do investigador e especialista em psicodrama foi considerado relevante na escolha e interpretação das respostas, pelo facto de, além de ter falado diretamente com eles, conhece diretamente os especialistas.

5.5 Resultados

No quadro 1 e 2 são apresentadas as ideias dominantes resultantes das respostas dos especialistas quando questionados sobre a inclusão dos itens conceptualmente sobrepostos e com erros correlacionados. Os psicodramatistas do estudo são especialistas

na área, de modo que toda ou qualquer indicação foi considerada relevante, e por isso decidimos manter a resposta tal como ela foi dada.

Assim, no Quadro 1 encontramos o par de itens que partilham uma fonte de variação comum, são eles 1. Criativo ($\lambda=.41$) e 6. Livre para criar ($\lambda=.54$) bem como da razão da sua decisão. Pela leitura do quadro, compreende-se que todos os psicodramatistas consideram que tanto o item 1. Criativo como o item 6. Livre para criar, devem ser incluídos numa medida para avaliar a espontaneidade já que eles usam estes conceitos nas suas intervenções.

Quadro 1. *Quadro síntese do pensamento dos especialistas sobre o item 1. Criativo e 6. Livre para criar*

<i>Item</i>	<i>1.Criativo</i>	<i>Justificação</i>	<i>6. Livre para criar</i>	<i>Justificação</i>
Psicodramatista A	Incluir	Faz parte da definição moreniana de espontaneidade. Característica importante.	Incluir	A mesma coisa que criativo
Psicodramatista B	Incluir	Muitas vezes encontrei pessoas dizendo serem criativas e não o eram absolutamente nada...	Incluir	Sim, dispor-se a isso, sem ter certezas absolutas...
Psicodramatista C	Incluir	...	Incluir	...
Psicodramatista D	Incluir	Ingrediente importante	Incluir	...
Psicodramatista E	Incluir	...	Incluir	...
Psicodramatista F	Incluir	...	Incluir	...
Psicodramatista G	Incluir	...	Incluir	...
% de acordos	Incluir = 100		Incluir = 100	

Contudo não foi possível apurar à luz da teoria moreniana qual o racional verdadeiramente utilizado pela maioria dos especialistas de modo a sustentar a manutenção dos itens ou reconceptualizá-los num outro item. Relativamente às justificações avançadas, o psicodramatista A, o mais experiente de entre os especialistas, revela que considera que o item 1 ("Criativo") faz parte da conceção moreniana da espontaneidade, considerando-o mesmo uma característica importante a desenvolver na sua intervenção. Indica também que o item 6 ("Livre para criar") devem ser incluídos, mas considera que é o mesmo que criativo. Esta asserção fez-nos questionar sobre a importância da experiência poder estar associada à sensibilidade necessária para os

especialistas conseguirem discriminar a dissemelhança ou semelhança entre conceitos. Contudo tal não se verificou, pois, este especialista (A), apesar de mais velho (Idade=76 anos), não é o mais experiente, situando-se apenas como o 4º mais experiente em ex-aequo com outro colega com 25 anos de experiência, que curiosamente também justificou que este é um ingrediente importante mas não esclarece porquê. Aliás o especialista com mais experiência (39 anos) é mais novo (Idade=69 anos) e não deu qualquer justificação para o facto de incluir estes conceitos na sua intervenção.

No quadro 2 encontramos o par de itens que partilham outra fonte de variação comum, são eles o 2 ("Feliz", $\lambda=.48$) e 18 ("Alegre", $\lambda=.69$) para criar bem como da razão da sua decisão.

Quadro 2. Quadro síntese do pensamento dos especialistas sobre o item 2 ("Feliz") e 18 ("Alegre")

<i>Item</i>	<i>2. Feliz</i>	<i>Justificação</i>	<i>18. Alegre</i>	<i>Justificação</i>
Psicodramatista A	Excluir	Palavra demasiado batida, toda a gente quer ser feliz (mas não é)	Incluir	Não precisa de estar alegre, mas sempre é melhor do que estar triste.
Psicodramatista B	Incluir	Em estados depressivos (infelicidade) julgo ser mais difícil ser-se espontâneo	Incluir	Uma boa dose de alegria e bom humor parece-me ajudar muitíssimo...
Psicodramatista C	Excluir	...	Excluir	...
Psicodramatista D	Incluir	feliz sou melhor espontâneo	Incluir	alegre sou melhor espontâneo
Psicodramatista E	Incluir	...	Incluir	...
Psicodramatista F	Excluir	Acho muito vago. A espontaneidade pode ser um potenciador de felicidade, mas penso que uma pessoa pode sentir-se feliz e não ter grande espontaneidade.	Excluir	Muito vago. Apesar da espontaneidade poder potenciar a alegria.
Psicodramatista G	Incluir	...	Incluir	...
% de acordos	Incluir = 57.1		Incluir = 71.4	

Pela leitura do Quadro 2. compreende-se que quatro dos psicodramatistas consideraram importante incluir o item 2 ("Feliz"), mas não foi possível apurar à luz da teoria moreniana qual o racional utilizado, pois as justificações expressas são interpretações

idiossincráticas. Quanto ao item 18 ("Alegre"), cinco dos psicodramatistas consideram que se deve utilizar este conceito numa medida de espontaneidade, mas também não usam o racional moreniano nas suas justificações. Aliás, tanto os que declararam incluir o item, como os que declaram não incluir o item, utilizaram um racional pessoal para responder. De modo que para nós não é possível sustentar a manutenção dos itens ou reconceptualizá-los num outro item.

Seguidamente, no Quadro 3, encontramos as respostas dos especialistas sobre a inclusão, bem como da razão da sua decisão, dos itens que apresentaram cargas fatoriais abaixo do valor de corte estabelecido na análise fatorial confirmatória, sendo eles o 3 ("Desinibido", $\lambda=.45$) e 7 ("Eufórico", $(\lambda=.48)$).

Quadro 3. *Quadro síntese do pensamento dos especialistas sobre o item 3 ("Desinibido") e 7 ("Eufórico")*

<i>Item</i>	<i>Desinibido</i>	<i>Justificação</i>	<i>Eufórico</i>	<i>Justificação</i>
Psicodramatista A	Incluir	Talvez o melhor fosse "não inibido", mas vamos lá, admite-se	Excluir	Adjetivo um pouco absurdo. Não estamos a querer que as pessoas fiquem maníacas.
Psicodramatista B	Incluir	Arrisca-se a ser desadequado... avaliação negativa	Incluir	Para avaliar negativamente
Psicodramatista C	Excluir	...	Excluir	...
Psicodramatista D	Incluir	...	Excluir	...
Psicodramatista E	Incluir	...	Excluir	Pela ambiguidade. Euforia em português está muitas vezes conotado negativamente como um excesso de alegria
Psicodramatista F	Incluir	Excluir	Não me traduz nada em termos de espontaneidade.
Psicodramatista G	Incluir	...	Excluir	Se se perceber o estado eufórico como um estado de perda do controlo sobre a vontade... espontaneidade (spontaneidade livre vontade). pressupõe o controlo da vontade.
% de acordos	Incluir = 85.7		Excluir = 85.7	

Pela leitura do quadro 3, compreende-se que seis dos psicodramatistas (85.7%) consideram que o item 3 ("Desinibido") deve ser incluído quando se pretende avaliar a

espontaneidade. Mas nas justificações uma vez mais utilizaram as suas interpretações pessoais sem mencionarem explicitamente o racional moreniano.

Quanto ao item 7 ("Eufórico"), seis psicodramatistas (85.7) revelaram não incluir o conceito de eufórico numa medida de espontaneidade com os seus clientes. As justificações avançadas apontam para desde critérios meramente pessoais até critérios que se assemelham ao conceito teórico de Moreno, que postulava que a espontaneidade é contrária a estado impulsivo e, portanto, eufóricos. Em suma, estas asserções sobre os itens 3 e 7 não são suficientemente robustas e inequívocas e por isso não nos possibilitam uma eventual decisão com base em expertise fundamentada na teoria moreniana sobre se este item deve ser incluído numa medida para avaliar a espontaneidade. Ainda assim, com base no índice de Belack alcançado no item 7. Eufórico (85.7%), é sustentável um estudo de simulação sem incluir este item. Aliado Este racional aliado à hipótese de um modelo do SAI-Rp a 3 fatores deu o mote para o estudo seguinte.

6 Estudo 3. A hipótese do modelo estrutural do SAI-R a três fatores de 1ª ordem

6.1 Participantes

Neste estudo foram incluídos 439 participantes com idade compreendidas entre os 18 e os 64 anos, sendo a média de idade de 25.6 anos (DP=10.2 anos). Entre estes, 303 eram mulheres (69%) e 136 eram homens (31%). A recolha foi realizada em diversas regiões de Portugal mas, maioritariamente (77.9%), os participantes eram da área metropolitana de Lisboa. A grande maioria (n=368, 85%) tem a escolaridade do ensino secundário (n=244, 55.6%) ou Licenciatura/Bacharelato (n=124, 28.2%). Mais de metade dos participantes eram estudantes (n=288, 65.6).

6.2 Instrumento

Como anteriormente afirmado, o SAI-R proposto por Kipper e Beasley (2016) compreende dezoito itens distribuídos em três dimensões, a saber: Vigor/Prazer, Liberdade, e Envolvimento/Foco (ver Tabela 4). Também, tal como no SAI-Rp unidimensional, os sujeitos devem indicar sentimentos e pensamentos que as pessoas vivenciam em diferentes situações durante um dia típico. E à semelhança da escala

original, as respostas são dadas numa escala do tipo Likert de 5 pontos variando de 1 = Muito Fraco (nunca/raramente) até 5 = Muito Forte (frequentemente/sempe). Os itens da amostra incluem, por exemplo: "1. Criativo; 2. Feliz; 8. Livre para agir, até exageradamente; 9. Vivendo plenamente com equilíbrio; 17. Capaz de fazer qualquer coisa, dentro dos limites; 18. Alegre." O estudo com este instrumento mostrou um alfa de Cronbach dos fatores a variar entre .69 e .88 (Kipper & Beasley, 2016).

Quadro 4. *Dimensões, descrição e itens correspondentes da versão original a 3 fatores do SAI-R (Kipper, & Beasley, 2016).*

Dimensões	Descrição	Itens
Vigor / Prazer	<i>Reflete a espontaneidade como uma experiência prazerosa e dinâmica.</i>	2, 5, 7, 10, 12, 13, 14, 18
Liberdade	<i>Reflete a espontaneidade como um senso de liberdade de expressão e ações não impedidas por convenções.</i>	1, 3, 6, 8, 17
Envolvimento / Foco	<i>Reflete a espontaneidade como uma experiência focada, separando-a da impulsividade</i>	4, 9, 11, 15

6.3 Procedimentos

A recolha de dados foi realizada *online*. Antes do preenchimento, todos os participantes são instruídos sobre os objetivos do estudo e sobre a importância da sua participação, solicitando-se no final para marcarem/aceitarem o termo de consentimento livre e esclarecido. Foi enfatizada a importância do estudo bem como da participação, tendo todos os sujeitos aceite participar voluntariamente, sob garantia do anonimato e da confidencialidade das respostas. No seguimento foram também dadas explicações sobre o modo de resposta. Os questionários foram auto-administrados e o seu preenchimento durou aproximadamente 12 minutos.

6.4 Análise de dados

Para analisar os dados, foi usado o software AMOS 24.0 (SPSS Inc, Chicago, IL).

A validade fatorial do SAI-Rp foi realizada através de análise fatorial confirmatória como descrita por Marôco (2010).

Para isso utilizou-se o método de máxima verossimilhança (Bentler, 2007), verificando-se os pressupostos da normalidade dos itens multivariados, bem como a inexistência de *outliers* através dos coeficientes de assimetria e achatamento, e pela distância quadrada de Mahalanobis (D^2), respetivamente (Arbuckle, 2009).

O ajustamento global do modelo foi avaliado, nomeadamente, pela estatística do qui quadrado (X^2); Razão do qui quadrado pelos graus de liberdade (χ^2/gl) considerando-se que χ^2/gl com valor inferior a 5,0 indica um ajustamento do modelo aos dados aceitável, e um valor inferior a 3.0 indica um bom ajustamento do modelo aos dados (Arbuckle, 2009; Kline, 2004).

Depois foram testados os índices CFI (Comparative Fit Index), GFI (Goodness Fit Index), e TLI (Tucker-Lewis Index), em que valores superiores a .90 e superiores .95 indicam bom e muito bom ajustamento, respetivamente (Marôco, 2010); Índice CFI (Comparative of Fit Index) e GFI (Goodness of Fit Index), em que valores a variar entre .60 e .80 indicam bom ajustamento e valores superiores a .80 indicam muito bom ajustamento.

Finalmente foi verificado o RMSEA (Root Mean Square Error of Approximation) em que quando o índice é inferior a .06 com uma probabilidade $P[\text{rmsea} \leq .05]$ não significativa, indica um bom ajustamento do modelo (Schumacker & Lomax, 1996).

O significado dos pesos estruturais foi avaliado usando os testes-Z produzidos pelo AMOS para adequação do modelo estrutural e de modo a testar as relações entre os constructos propostos, considerando-se $Z \geq 1,96$ e significância estatística quando $p \leq .05$ (Marôco, 2010).

A consistência interna do constructo foi avaliada através da fiabilidade compósita (Hair, Black, Babin, & Anderson, 2009), enquanto os valores da variância média extraída (VME) foram estimados para avaliar a validade compósita (Fornell & Larker, 1981). Considera-se que uma fiabilidade compósita superior ou igual a .70, e VME superior ou igual a .50 são indicadores de constructos fiáveis e válidos (Fornell & Larker, 1981).

Depois procedeu-se a uma análise fatorial confirmatória (AFC) para a averiguar a plausibilidade teórica da espontaneidade como fator geral de segunda ordem.

6.5 Resultados

Os resultados não confirmam os pressupostos de normalidade univariados (ver Tabela 8) tendo em consideração que os valores absolutos de assimetria e curtose estão abaixo de 3 e 7, respetivamente (Kline, 2004). O coeficiente de Mardia (Coeficiente = 69,75) indicou

ausência de distribuição multivariada (Bentler & Wu, 1993). O teste de Kolmogorov-Smirnov não revelou a normalidade da distribuição da amostra [K-S (439)=.085, p=.001)].

Assim, foi utilizado o procedimento de bootstrapping (B-S) de Bollen e Stine para ajustar o valor p da estatística qui-quadrado.

A avaliação global do modelo estrutural [$\chi^2(132) = 552.474$, B-S $p < .001$; $X^2/df = 4.185$; CFI=.89; GFI=.87; TLI=.87; RMSEA=.085 ; 90% CI [.078 – .093]) indica um ajustamento aceitável do modelo aos dados. Os valores de CFI, GFI e TLI cumprem o critério recomendado (>.80) para ajustamento aceitável (Hair et al., 2009).

Tabela 8. Estatísticas Descritivas do SAI-Rp a 3 fatores

Item	M	DP	Min	Max	Ass.	Curt.
Vigor/Prazer						
2. Feliz	3,95	,96	1	5	-,882	,591
5. Vivo/a	2,64	,94	1	5	,003	-,375
7. Eufórico/a	3,39	,97	1	5	-,492	-,004
10. Com energia	3,30	,99	1	5	-,368	-,263
12. Leve e amorosamente	3,21	1,09	1	5	-,429	-,566
13. Completo/a	3,46	,88	1	5	-,420	-,037
14. Prazer	3,75	,94	1	5	-,666	,239
18. Alegre	3,21	,83	1	5	-,736	,776
Liberdade						
1. Criativo/a	3,21	,966	1	5	-,293	-,161
3. Desinibido/a	3,10	,949	1	5	-,052	-,183
6. Livre para criar	3,32	,983	1	5	-,240	-,355
8. Livre para agir, até exageradamente	2,77	,970	1	5	,022	-,321
17. Capaz de fazer qualquer coisa, dentro dos limites	3,47	,978	1	5	-,443	-,152
Envolvimento/Foco						
4. As coisas parecem fluir	3,32	,800	1	5	-,407	,300
9. Vivendo plenamente com equilíbrio	3,21	1,054	1	5	-,281	-,507
11. Com controlo	3,48	,923	1	5	-,426	,040
15. Poderoso/a	2,92	1,013	1	5	-,161	-,517
16. Bem sucedido(a)	3,15	,978	1	5	-,325	-,235

Nota: M = média; DP = Desvio Padrão; Min = mínimo; Max = máximo; Ass. = Assimetria; Curt. = Curtose.

Apesar disso, nem todas as cargas fatoriais estimadas (tabela 9) atingiram o ponto de corte de .50 recomendado (Loehlin, 2003), variando entre .40 e .84. Mais, o RMSEA mostrou um ajustamento inaceitável (Hair et al., 2009; Marôco, 2010). Assim, decidiu-se remover o item 7 ("Eufórico") já que tem uma carga fatorial de .40 e pelos resultados do estudo 2, que revelou também a plausibilidade para a remoção deste item. Na solução encontrada

já com o item 7 ("Eufórico"), removido, a escala total obteve uma média de 59.30 (DP=11.25). Adicionalmente, os valores da média (e desvio padrão) da espontaneidade obtidos em função do género na amostra recolhida foram de 58.15 (11.25) para as mulheres e de 61.88 (10.85) para os homens e essa diferença foi significativa.

A avaliação global do modelo estrutural [$\chi^2(195) = 367.414$, B-S $p < .001$; $X^2/df = 3.195$; CFI=.93; GFI=.90; TLI=.92; RMSEA=.07 ; 90% CI [.063 – .079]) indica um ajustamento aceitável do modelo aos dados. Os valores de CFI, GFI e TLI cumprem o critério recomendado ($>.90$) para bom ajustamento (Hair et al., 2009). Desta feita, também o RMSEA mostrou um ajustamento aceitável (Hair et al., 2009; Marôco, 2010).

De assinalar que nem todos os itens apresentaram fiabilidades individuais adequadas ($R^2 \geq .25$), variando entre .11 e .71, enquanto os valores do teste-Z indicaram significância estatística variando entre 11.71 e 14.21 (Hair et al., 2009).

Tabela 9. Modelo do SAI-Rp a 3 fatores com os 18 itens

Construtos / Itens	λ	RC	C	α	FC
Vigor/Prazer				.88	.88
2. Feliz	.80	12.67***	.61		
5. Vivo/a	.70	13.59***	.45		
10. Com energia	.71	13.57***	.53		
12. Leve e amorosamente	.80	13.89***	.41		
13. Completo/a	.78	12.84***	.58		
14. Prazer	.76	13.16***	.52		
18. Alegre	.84	11.79***	.66		
Liberdade				.71	.84
1. Criativo/a	.41	14.16***	.25		
3. Desinibido/a	.45	14.03***	.14		
6. Livre para criar	.66	12.31***	.41		
8. Livre para agir, até exageradamente	.49	13.80***	.23		
17. Capaz de fazer qualquer coisa, dentro dos limites	.75	10.39***	.25		
Envolvimento/Foco				.83	.83
4. As coisas parecem fluir	.65	13.65***	.32		
9. Vivendo plenamente com equilíbrio	.74	12.82***	.47		
11. Com controlo	.64	13.70***	.39		
15. Poderoso/a	.71	13.14***	.43		
16. Bem sucedido(a)	.78	12.13***	.52		

Notas: λ = carga fatorial; RC=rácio crítico; C = Comunalidades α = alfa de Cronbach; FC = Fiabilidade compósita; *** $p < .001$

Adicionalmente, foi obtido um alfa de Cronbach de .92, valor que pode ser considerado excelente para a fiabilidade do instrumento. Relativamente à fiabilidade das subescalas, nomeadamente na subescala Vigor/Prazer obteve-se o de alfa de Cronbach .88 o que é considerado indicador de muito boa fiabilidade, na subescala Liberdade obteve-se o alfa de Cronbach .71, indicando boa fiabilidade, e na subescala Envolvimento/Foco obteve-se o alfa de Cronbach .83, associado a muito boa fiabilidade. As comunalidades foram também satisfatórias, já que, apesar de vários itens apresentarem valores baixos, em média foi atingido o ponto de corte de .40. Na tabela 9 são apresentados estes resultados. A fiabilidade compósita foi garantida ($FC = .95$), ultrapassando largamente o mínimo recomendado de .60 (Bagozzi & Kimmel, 1995). As evidências de validade convergente também foram confirmadas, uma vez que os valores da VME estavam acima de .50, que é o valor de corte recomendado para este índice (Anderson & Gerbing, 1981; Fornell & Larcker, 1981). Adicionalmente, os valores da média (e desvio padrão) da espontaneidade obtidos em função do género na amostra recolhida foram de 55.59 (10.79) para as mulheres e de 59.07 (10.50) para os homens e essa diferença foi significativa.

Na figura 2 pode observar-se o modelo do SAI-R a 3 fatores reespecificado.

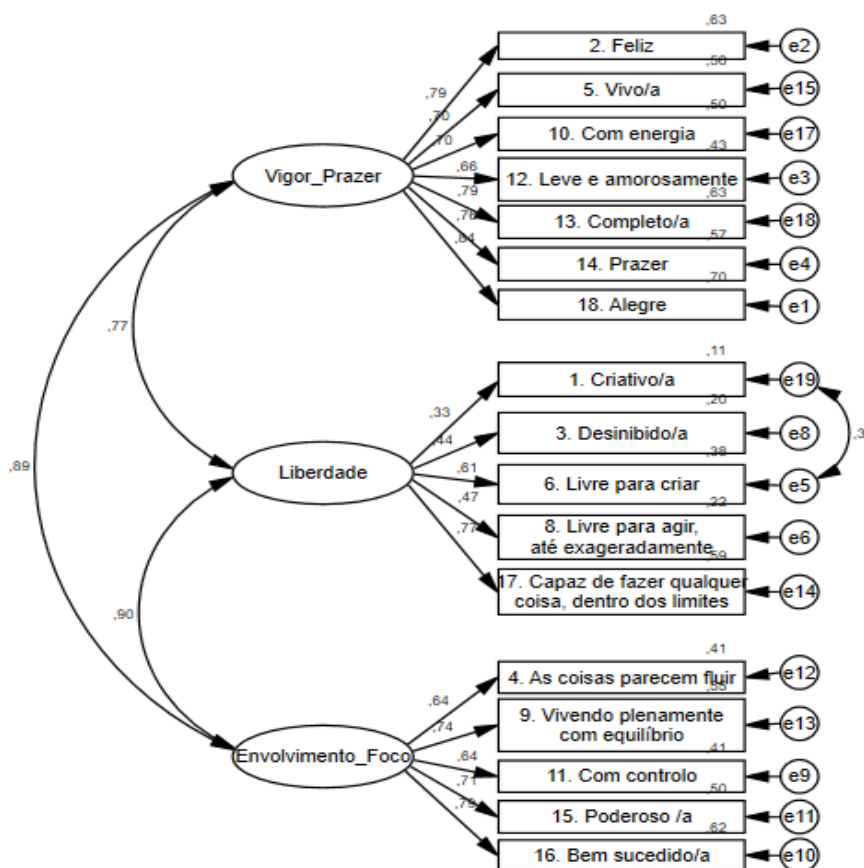


Figura 2. AFC do SAI-Rp reespecificado a 3 fatores de 1ª ordem

A variância média extraída e a correlação ao quadrado dos fatores são apresentadas na Tabela 10. A evidência de validade discriminante não foi aceita uma vez que o valor da correlação ao quadrado entre o fator 3. Envolvimento/Foco e o fator 1. Vigor/Prazer, excedeu o valor da VME do fator 3.

Tabela 10. Média (M), desvio padrão (DP) e correlações dos fatores ao quadrado.

Constructs	VME	Matriz de correlações		
		1	2	3
1. Vigor/Prazer	.51	1.00		
2. Liberdade	.52	.31**	1.00	
3. Envolvimento/Foco	.50	.62**	.40**	1.00

Nota.** $p < .01$.

6.6 Validade cruzada

A estabilidade do modelo foi também estudada através da verificação da validade cruzada. Em concreto, realizou-se uma análise multi-grupos, em duas amostras equivalentes (Mulheres*Homens) (Amostra 1 = 303; Amostra 2 = 136). Como se pode verificar na Tabela 11, o ajustamento do modelo livre [Modelo 1: χ^2 (230) = 508.93; PCFI = .78; PGFI = .67; CFI = .92; GFI = .88; RMSEA = .05] revelou-se aceitável (Marôco, 2010).

Do mesmo modo, foram testados os modelos com variâncias fixas [Modelo 2: χ^2 (244) = 522.13 (B-S $p < .51$); PCFI = .83; PGFI = .70; GFI = .87; CFI = .92; RMSEA = .05] e o modelo com resíduos fixos [Modelo 3: χ^2 (250) = 532.77 (B-S $p < .23$); PCFI = .85; PGFI = .71; GFI = .87; CFI = .92; RMSEA = .05], que mostraram um ajustamento também aceitável. A estatística do χ^2 não mostrou diferenças significativas entre o Modelo 1 e o Modelo 2 (χ^2 dif (14) = 13.2; B-S $p = .51$) ou o Modelo 1 e o Modelo 3 (χ^2 dif (20) = 23.8; B-S $p = .23$).

Tabela 11. Resultados da Análise Multi-grupos da AFC do SAI-Rp a 3 Fatores

Modelos	χ^2	gl	$\Delta\chi^2$	Δgl	B-S p	PCFI	PGFI	GFI	CFI	RMSEA	IC 90%
Modelo 1	508.93	230	---	---	---	.78	.66	.88	.92	.05].05,.06[
Modelo 2	522.13	244	13.2	14	.51	.83	.70	.87	.92	.05].05,.06[
Modelo 3	532.77	250	23.8	20	.23	.85	.71	.87	.92	.05].05,.06[

Nota. Amostra 1: $n=303$; Amostra 2: $n=136$.

Assim, os resultados demonstraram a invariância do modelo em ambas as amostras, mostrando que a estrutura fatorial de SAI-R_p é estável em duas amostras independentes (Loehin, 2003; Marôco, 2010) e nessa medida, indicando validade critério.

7 Discussão geral e Conclusões

O principal objetivo do presente estudo foi contribuir para o desenvolvimento da investigação sobre espontaneidade através da validação do SAI-R para o contexto português. Especificamente, os resultados revelaram que a estrutura originalmente proposta a um fator com 18 itens mostrou validade de constructo e validade de conteúdo, tal como boa fiabilidade da escala. A análise fatorial confirmatória revelou que existe um ajustamento aceitável do modelo aos dados. A fiabilidade compósita e a validade convergente foram também verificadas (Marôco, 2011). Adicionalmente, devido ao facto de terem sido encontradas sobreposições entre os itens 1 - "Criativo" e 6 - "Livre para criar", entre os itens 7 - "Eufórico" e 8 - "Livre para agir, até exageradamente" e entre os itens 2 - "Feliz" e 18 - "Alegre", é recomendado um uso prudente na interpretação dos resultados da escala, especialmente em contexto profissional de avaliação psicológica de clientes.

Os resultados do estudo dos itens problemáticos através da inquirição a especialistas, revelaram uma aparente ambivalência entre estes, dado que por diversas vezes a justificação não oferecia um racional claro que nos ajudasse a uma decisão apoiada na teoria original de Moreno. Mas vale a pena referir que os especialistas são “ouvidos” neste tipo de pesquisa, não porque são especialistas em utilizar esta ou aquela teoria ou esta ou aquela técnica, mas sim porque são hábeis na utilização de uma multiplicidade de fatores que de facto conferem eficácia à intervenção (Wampold, 2017). Aliás, o psicodrama, criado por Jacob Levy Moreno em 1921, é um tipo de psicoterapia inicialmente concebida como “psicoterapia de grupo profunda”, inspirada no teatro de improvisação. O aspeto-chave do psicodrama é a dramatização pelos pacientes de uma série de eventos como se estivessem a acontecer no presente. Além disso, durante as intervenções do psicodrama, a ênfase é colocada não apenas no que os pacientes dizem, mas também no que fazem (a ação) durante a dramatização. Este aspeto implica por parte dos psicodramatistas uma flexibilidade teórica e prática. Mais, ao analisar a estrutura das sessões e a duração das intervenções, fica claro que é difícil estabelecer um padrão rigoroso, estável e estruturado

de aplicação da terapia psicodramática. Apesar das mudanças positivas observadas após o tratamento, na maioria dos casos, para tornar os efeitos mais estáveis, a investigação destaca a necessidade de intervenções implicando aspetos de natureza multifatorial, o que torna as intervenções também mais longas (Dehnavi, Bajelan, Pardeh, Khodaviren, & Dehnavi, 2016; Dogan, 2010; Katmer, Demir, Çekiç, & Hamamcı, 2020).

Como antes afirmado, esta ideia é consistente com a idiosincrasia do próprio psicodrama, uma vez que leva tempo para gerar a catarse necessária, assimilá-la e integrá-la. Nesse sentido, embora Kipper e Ritchie (2003) argumentem que o número de sessões não afeta a eficácia das técnicas, resta saber se, por exemplo, estes aspetos influenciam o pensamento e a conceptualização teórica dos psicodramatistas.

Outra explicação para a idiosincrasia substituir a reflexão ligada à teoria moreriana, é o fato de que com a experiência, os psicodramatistas têm tendência para maior utilização de umas técnicas e menor de outras. Os investigadores indicam que este aspeto pode advir da própria investigação no campo, pois, tem vindo a estudar-se as técnicas individualmente - e.g., dramatização (D'amato, & Dean, 1988) ou desempenho de papéis (Harrow, 1951) - dando ideia que refletem todo o processo psicoterapêutico envolvido no psicodrama quando, na realidade, são apenas instrumentos para ser usados em situações específicas pelo psicodramatista. Na verdade, para avaliar as mudanças alcançadas pelo modelo terapêutico do psicodrama, devemos examinar os estudos que utilizam o formato de grupo clássico (psicodrama terapia de grupo), em que seja possível identificar claramente as fases de aquecimento, ação e partilha como estabelecido pelo próprio Moreno (psicodrama clássico, (Orkibi, 2021; Orkibi et al., 2017).

Relativamente a outros tipos de validade, as validades convergente e divergente foram também verificadas, pretendendo-se com este procedimento determinar se a medida em questão estava correlacionada com outras medidas já existentes e com relações teóricas com o SAI-R (Marôco, 2011). Nesse sentido, testou-se a relação entre SAI-R_p e as subescalas do BEP, as subescalas do NEO-FFI e o N5 do NEO-PI-R. Pela pontuação alcançada, consideramos que estão verificadas as validades convergente e divergente. Adicionalmente, devido ao facto de as correlações serem moderadas a fracas, aconselhamos um uso prudente na interpretação dos resultados da escala, especialmente em contexto profissional de avaliação psicológica de clientes.

Importa ainda comentar que, ao contrário do esperado, não foi encontrada correlação positiva significativa entre o fator Abertura à experiência (O) do NEO-FFI e o SAI-R. De facto, 'O' é o traço de personalidade que a literatura indica como maior preditor da

criatividade. No entanto, é importante sublinhar que a Abertura à experiência (medida nesta investigação pelo NEO-FFI) é, na escala original NEO-PI, medida não só pela escala total (O) mas, também, por seis facetas (abertura à fantasia(O1), estética (O2), sentimentos (O3), acções (O4), ideias (O5), e valores (O6)) que dão conta das múltiplas formas através da qual se expressa ‘O’, a saber, exploração ou envolvimento intelectual, afetivo e estético. Parece-nos que a Espontaneidade estará relacionada com a faceta “Ações”, mas não necessariamente com a faceta “Valores” ou “Estética”, pelo que a baixa correlação encontrada pode dever-se à anulação da força do efeito devido a essas outras facetas não estarem correlacionadas com a espontaneidade. Não foram encontrados estudos sobre a influência diferencial destas facetas de ‘O’ na Espontaneidade.

Mais estudos são necessários para compreendermos as ligações entre as variáveis “Espontaneidade”, “Criatividade” e “Abertura à experiência”. A criatividade, embora esteja relacionada com o estabelecer de novas conexões, pensamento divergente e aprendizagem implícita, aspetos que seriam centrais na Espontaneidade, também está relacionada com a ambição, autoconfiança, capacidade de arriscar, autonomia, curiosidade, hostilidade e até impulsividade.

Complementarmente, embora a Espontaneidade esteja relacionada com a criatividade e com o estabelecer de novas conexões, pensamento divergente e aprendizagem implícita, não foi inicialmente concebida como estado de euforia, que aliás é, segundo Moreno, mais próximo da impulsividade. Como anteriormente afirmado, a espontaneidade é uma habilidade que permite o encontro sem nos tornarmos excessivos, e o seu contrário pertence ao domínio da patologia da espontaneidade (Kipper, Green, & Prorak, 2010; Fox, 2002; Cukier, 2002).

Peterson e Seligman (2004) designaram a criatividade como uma das 24 forças de carácter consideradas a coluna vertebral da Psicologia Positiva (Mayerson, 2020). Incluída na virtude Sabedoria e Conhecimento, a Criatividade é um traço positivo de personalidade moralmente valorizado em todas as culturas (Peterson & Seligman, 2004; Shen, Chick, & Zinn, 2014). Além disso, a utilização da medida de espontaneidade, beneficia a própria teoria do psicodrama, já que a sua utilização poderá ser uma oportunidade de o reinventar atendendo às novas demandas provenientes dos contextos onde é utilizada (Fernandes, Cenci, & Gaspodini, 2021). Por outro lado, na categoria da avaliação do processo terapêutico, o emprego da medida da espontaneidade pode ajudar a inovar na intervenção baseada no psicodrama (López-González, Morales-Landazábal, & Topa, 2021). Finalmente, com a medida agora apresentada é possível correlacionar a espontaneidade

com a adaptabilidade criativa em contextos de língua portuguesa e realizar uma comparação com outros contextos culturais, por exemplo, no caso do surto pandémico da COVID-19 (Orkibi, 2021; Testoni et al., 2021).

Ressalta-se que são necessárias maiores investigações para compreender os mecanismos envolvidos e os contornos e especificidades da relação entre Espontaneidade e disponibilidade para agir ou mesmo abertura à experiência. Embora se recomende o uso prudente da medida, pois foi realizado em contexto não clínico, sublinhamos que a “capacidade” do psicodrama de se adaptar e ser aplicado a qualquer ambiente ou tipo de população está amplamente documentada na literatura e que a medida SAI-R foi desenhada para aplicação considerando este racional teórico (Kellermann, 1987; Nicholas, 2017).

Por fim, os estudos indicam que o psicodrama influencia diversas variáveis, como sintomas, bem-estar subjetivo, qualidade de vida e comportamento manifesto (Gonzalez et al., 2018), entre outros, medidos na sua maioria através de autorrelatos. Este tipo de instrumento de avaliação pode gerar viés nas medições devido, por exemplo, à falta de motivação dos participantes, possível simulação, deseabilidade social, falta de habilidades de introspeção e distorção de memória, etc. (Boutron, Altman, Moher, Schulz, Ravaud, & Group, 2017), e esses vieses podem, por sua vez, afetar a fiabilidade das conclusões tiradas.

Assim, tanto retirando esta possibilidade de viés, como uniformizando as avaliações dos estudos futuros, possibilitando comparações mais abrangentes, o SAI-R surge como um instrumento curto, versátil e válido quando se pretende avaliar a espontaneidade. Esta validação é também um passo importante e necessário não apenas para os estudos feitos pela comunidade lusófona de psicodramatistas, mas também para os investigadores interessados no tema da espontaneidade em geral. É uma ferramenta útil na avaliação da espontaneidade em vários contextos, mas também, uma contribuição para a missão urgente da cientificação dos procedimentos terapêuticos, especialmente no caso do Psicodrama, psicoterapia cujo modelo teórico coloca a espontaneidade como variável central na promoção da saúde mental.

8 Limitações do estudo

Como limitações decorrentes deste conjunto de estudos salientamos, que apesar da adaptabilidade do psicodrama e a amostra corresponder à dimensão necessária para

proceder à análise fatorial confirmatória, esta foi recolhida em contexto não clínico, limitando por isso um certo grau de precisão da medida em contexto onde o drama é usado como intervenção. Sendo, portanto, necessário prosseguir os estudos com outras amostras clínicas e não clínicas representativas.

Adicionalmente, sobre o contexto de aplicação, talvez seja importante sublinhar que a investigação mostra uma diversidade no modo como a espontaneidade é conceptualizada, e que essa variabilidade conceptual influencia a eficácia terapêutica. Em alguns casos, por exemplo, a investigação reporta intervenções em dramaterapia e psicodrama usando os dois termos como sinónimos. Note-se que as diferenças entre a dramaturgia e o psicodrama são claras, pois embora partilhem alguns aspetos fundamentais, o psicodrama trabalha com representações reais encenadas no palco, enquanto a dramaterapia baseia-se na metáfora por meio da arte e usa cenas fictícias e simbólicas. Além disso, na dramaterapia, os participantes costumam participar da narrativa de forma mais indireta e com maior distância (Orkibi et al., 2017).

Outra limitação importante, foi o facto de na avaliação dos itens problemáticos com recurso à inquirição de especialistas, especialmente, quando as respostas eram ambíguas e a interpretação difícil, devia ter-se realizado uma entrevista aos *especialistas* de modo a confirmar o sentido mais preciso daquilo que pretendiam dizer. Mas devido às limitações de acesso aos investigadores (COVID-19) os resultados foram gerados por validação consensual entre os investigadores. Assim, o poder de interpretação é outra direção a seguir em estudos futuros, pois não basta garantir que o instrumento mede o que deve medir, é, também, necessário saber qual o significado dos valores encontrados que implicará a revisão mais aprofundada dos itens já enunciados como sobrepostos ou com cargas fatoriais baixas. Por fim, é importante abrir o campo de reflexão para uma reconceptualização da espontaneidade, quem sabe encontrando outras variáveis de primeira ordem e que explicam a espontaneidade como um fator geral de segunda ordem como parecem sugerir Kipper e Beasley (2016).

9 Referências

- Abreu, J. L. (2002). *O Modelo do Psicodrama Moreniano*. Coimbra: Quarteto.
- Amabile, T. M., Hill, K. G., Hennessey, B. A., & Tighe, E. M. (1994). The Work Preference Inventory: Assessing intrinsic and extrinsic motivational orientations. *Journal of Personality and Social Psychology*, 66(5), 950-967.

- Anderson, J. C., & Gerbing, D. W. (1988). Structural equation modeling in practice: A review and recommended two-step approach. *Psychological Bulletin*, 103(3), 411-423. <https://doi.org/10.1037/0033-2909.103.3.411>
- Arbuckle, J. L. (2009). *Amos 18 Reference Guide* (Version 18) [Computer Software]. Chicago, IL: SPSS Inc.
- Bagozzi, R. P., & Kimmel, S. K. (1995). A comparison of leading theories for the prediction of goal-directed behaviours. *British Journal of Social Psychology*, 34(4), 437-461. <https://doi.org/10.1111/j.2044-8309.1995.tb01076.x>
- Bentler, P. M. (2007). On tests and indices for evaluating structural models. *Personality and Individual Differences*, 42(5), 825-829. doi: <https://doi.org/10.1016/j.paid.2006.09.024>
- Bentler, P. M., & Wu, E. J. C. (1993). *EQS/windows user's guide*. Los Angeles: BMDP Statistical Software.
- Bogdan, R., & Biklen, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Christoforou, A., & Kipper, D. A. (2006). The Spontaneity Assessment Inventory (SAI), Anxiety, Obsessive-Compulsive Tendency, and Temporal Orientation. *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama & Sociometry*, 59(1), 23–34. <https://doi.org/10.3200/JGPP.59.1.23-34>
- Cohen, S., Kamarck, T., & Mermelstein, R. (1983). A global measure of perceived stress. *Journal of Health and Social Behavior*, 24, 385–396.
- Costa, P. T., & McCrae, R. R. (1992). *The Revised NEO PI / NEO-FFI Professional Manual*, Odessa, FI: Psychological Assessment Resources.
- Cruz, A., Sales, C. M. D., Alves, P., & Moita, G. (2018). The Core Techniques of Morenian Psychodrama: A Systematic Review of Literature. [Systematic Review]. *Frontiers in Psychology*, 9(1263). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01263>
- Cukier, R. (2002). *Palavras de Jacob Levy Moreno: vocabulário de citações do Psicodrama, da Psicoterapia de Grupo, do Sociodrama e da Sociometria*. S. Paulo: Ágora.
- Davelaar, P. M., Araujo, F. S., & Kipper, D. A. (2008). The Revised Spontaneity Assessment Inventory (SAI-R): Relationship to goal orientation, motivation, perceived self-efficacy, and self-esteem. *The Arts in Psychotherapy*, 35(2), 117-117-128. <https://doi.org/10.1016/j.aip.2008.01.003>

- D'amato, R. C., & Dean, R. S. (1988). Psychodrama research—therapy and theory: A critical analysis of an arrested modality. *Psychology in the Schools*, 25(3), 305-314. doi: [https://doi.org/10.1002/1520-6807\(198807\)25:3<305::AID-PITS2310250312>3.0.CO;2-T](https://doi.org/10.1002/1520-6807(198807)25:3<305::AID-PITS2310250312>3.0.CO;2-T)
- Dehnavi, S., Bajelan, M., Pardeh, S. J., Khodaviren, H., & Dehnavi, Z. (2016). The Effectiveness of Psychodrama in Improving Quality of Life among Opiate-dependent Male Patients. *International Journal of Medical Research and Health Sciences* 5, 243-247.
- Dogan, T. (2010). The effects of psychodrama on young adults' attachment styles. *The Arts in Psychotherapy*, 37(2), 112-119. doi: <https://doi.org/10.1016/j.aip.2010.02.001>
- Fachel, J. M. G., & Camey, S. (2000). Avaliação psicométrica: a qualidade das medidas e o entendimento dos dados. Em J. A. Cunha. *Psicodiagnóstico-V*. 5a ed. (pp. 158-170). Porto Alegre: Artmed.
- Fernandes, V. A., Cenci, C. M. B., & Gaspodini, I. B. (2021). Intervenções em psicodrama: uma revisão sistemática. *Revista Brasileira de Psicodrama*, 29(1), 4-15. doi: <https://doi.org/10.15329/2318-0498.21992>
- Foa, E. B., Huppert, J. D., Leiberg, S., Langner, R., Kichic, R., Hajcak, G., & Salkovskis, P. M. (2002). The Obsessive-Compulsive Inventory: development and validation of a short version. [Validation Study]. *Psychol Assess*, 14(4), 485-496.
- Friedman, P. H. (1994). *Friedman Well Being Scale and professional manual*. Redwood City, CA: Mind Garden.
- Fox, J. (2002). *O Essencial de Moreno: Textos sobre psicodrama, terapia de grupo e espontaneidade*. S. Paulo: Ágora.
- Gonzalez, A.-J., Martins, P., & Lima M.P. (2018). Studying the efficacy of psychodrama with the Hermeneutic Single Case Efficacy Design: results from a longitudinal study. *Frontiers in Psychology*, 9. <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2018.01662>
- Hair, J. F., Black, W. C., Babin, B., & Anderson, R. E. (2009). *Multivariate data analyses* (7th ed.). New York: Prentice Hall.
- Harrow, G. S. (1951). The effects of psychodrama group therapy on role behavior of schizophrenic patients. *Group Psychother*, 3, 316-320.
- Jones, J. M., Banicky, L., Pomar, M., & Lasane, T. P. (2004). *A Temporal Orientation Scale: Focusing attention on the past, present and future*. Unpublished manuscript, University of Delaware, Newark.

- Kaiser, H. F. (1974). An index of factorial simplicity. *Psychometrika*, 39, 31-36.
- Katmer, A. N., Demir, R., Çekiç, A., & Hamamcı, Z. (2020). The Effect of Psychodrama on Subjective Well-Being and Trait Anxiet. *Journal of Educational Issues*, 6(2), 269-286. doi: <https://doi.org/10.5296/jei.v6i2.17600>
- Kellar, H., Treadwell, T. W., Kumar, V. K., & Leach, E. S. (2002). The Personal Attitude Scale-II: A Revised Measure of Spontaneity. *Group Psychotherapy*, 55(1), 35-46. <https://doi.org/10.3200/JGPP.55.1.35-46>
- Kellermann, P. F. (1987). Outcome Research In Classical Psychodrama. *Small Group Behavior*, 18(4), 459-469. <https://doi.org/10.1177/104649648701800402>
- Kipper, D. A. (2006). The Canon of Spontaneity – Creativity Revisited: The Effect of Empirical Findings. *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama and Sociometry*, 59(3), 117-126. <https://doi.org/10.3200/JGPP.59.3.117-126>
- Kipper, D. A., & Beasley, C. R. (2016). Factor analysis of the Revised Spontaneity Assessment Inventory (SAI-R). *Zeitschrift für Psychodrama und Soziometrie*, 15(1), 5-10. <https://doi.org/10.1007/s11620-015-0301-1>
- Kipper, D., A., Green, D., J., & Prorak, A. (2010). The Relationship Among Spontaneity, Impulsivity, and Creativity. *Journal of Creativity in Mental Health*, 5(1), 39-39-53. <https://doi.org/10.1080/15401381003640866>
- Kipper, D., & Hundal, J. (2005). The Spontaneity Assessment Inventory: The Relationship Between Spontaneity and Nonspontaneity. *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama, & Sociometry*, 58(3), 119–129. <https://doi.org/10.3200/JGPP.58.3.119-129>
- Kipper, D. A., & Ritchie, T. D. (2003). The effectiveness of psychodramatic techniques: A meta-analysis. *Group Dynamics: Theory, Research, and Practice*, 7(1), 13–25. <https://doi.org/10.1037/1089-2699.7.1.13>
- Kipper, D. A., & Shemer, H. (2006). The Revised Spontaneity Assessment Inventory (SAI-R): spontaneity, well-being, and stress. *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama & Sociometry*, 59(3), 127–136.
- Kipper, D. A., & Shemer, H. (2006). The Revised Spontaneity Assessment Inventory (SAI-R): Spontaneity, well-being, and stress. *Journal of Group Psychotherapy, Psychodrama & Sociometry*, 59(3). <https://doi.org/10.3200/jgpp.59.3.127-136>
- Kline, R. B. (2004). *Beyond Significance Testing: Reforming Data Analysis Methods in Behavioral Research*. Washington, DC: American Psychological Association.

- Lima, M. P., Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A.-J., Costa, J., Costa, M., & Costa, P. (2014). A versão portuguesa do NEO-FFI: Caracterização em função da idade, género e escolaridade. *Psicologia*, 28(2), 01-10.
- Lima, M. P. & Simões, A. (1997). O Inventário da Personalidade NEO-PI-R: Resultados da Aferição Portuguesa. *Psychologica*, 18, 25-46.
- Lima, M. P., & Simões, A. (2000). *NEO-PI-R Manual Profissional* (1ª Ed.). Lisboa: CEGOC.
- Lima, M. P., & Simões, A. (2006). Inventário de Personalidade NEO revisto (NEO-PI-R). In M. Gonçalves, L. Almeida, M. Simões, & C. Machado (Eds.). *Avaliação Psicológica - Instrumentos validados para a População Portuguesa* (Vol. I) (2ª Ed.), 15-32. Coimbra: Quarteto.
- Loehlin, J.C. (2003). *Latent variable models: An introduction to factor, path, and structural equation analysis* (4th ed.). Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- López-González, M. A., Morales-Landazábal, P., & Topa, G. (2021). Psychodrama Group Therapy for Social Issues: A Systematic Review of Controlled Clinical Trials. *International Journal of Environmental Research and Public Health*, 18(9), 4442. doi: <https://doi.org/10.3390/ijerph18094442>
- Luszczynska, A., Scholz, U., & Schwarzer, R. (2005). The General Self-Efficacy Scale: Multicultural Validation Studies. *The Journal of Psychology*, 139(5), 439-457. <https://doi.org/10.3200/jrlp.139.5.439-457>
- Mayerson, N. H. (2020). The Character Strengths Response: An Urgent Call to Action. [Conceptual Analysis]. *Frontiers in Psychology*, 11(2106). <https://doi.org/10.3389/fpsyg.2020.02106>
- Marôco, J. (2010). *Análise de equações estruturais: fundamentos teóricos, software & aplicações*. Lisboa: Report Number.
- Marôco, J. (2011). *Análise Estatística com o SPSS statistics*. Lisboa: Report Number.
- Magalhães, E., Salgueira, A., Gonzalez, A.-J., Costa, J., Costa, M., Costa, P., & Lima, M. (2014). NEO-FFI: Psychometric properties of a short personality inventory in a portuguese context. *Psicologia, Reflexão e Crítica*, 27(4), 642-657. <http://dx.doi.org/10.1590/1678-7153.201427405>
- Moreno, J. L. (1975). *Psicodrama*. S. Paulo: Cultrix.
- Moreno, J. L. (1983). *Fundamentos do Psicodrama*. S. Paulo: Summus.
- Moreno, J. L. (1999). *Psicoterapia de Grupo e Psicodrama*. Campinas, S. Paulo: Livro Pleno.

- Moreno, J. L. (2008). *Quem sobreviverá? Fundamentos da sociometria, da psicoterapia de grupo e do psicodrama*. S. Paulo: Daimon.
- Moreno, J. L. (2010). *The Theatre of Spontaneity* (4th ed.). Manchester: The North-West Psychodrama Association.
- Moreno, Z. T. (2006). *The Quintessential Zerka. Writings by Zerka Toeman Moreno on Psychodrama, Sociometry and Group Psychotherapy* (T. Horvatin & E. Schreiber Eds.). New York: Routledge.
- Mayerson, N. H. (2017). Foreword. In R. M. Niemiec (Ed.), *Character Strengths Interventions: A Field Guide for Practitioners*, (pp. XI-XII). Boston, US: Hogrefe.
- Nicholas, M. W. (2017). The Use of Psychodrama and Sociometry Techniques in Psychodynamic and Other Process Groups. *International Journal of Group Psychotherapy*, 67(sup1), S131-S140. <http://dx.doi.org/10.1080/00207284.2016.1238751>
- Novo, R. F., Duarte-Silva, E., & Peralta, E. (1997). O bem-estar psicológico em adultos: Estudo das características psicométricas da versão portuguesa das escalas de C. Ryff. In M. Gonçalves, I. Ribeiro, S. Araújo, C. Machado, L. S. Almeida, & M. Simões (Eds.), *Avaliação psicológica: Formas e contextos*, 5(99), 313-324). Braga: APPORT/SHO.
- Orkibi, H., & Feniger-Schaal, R. (2019). Integrative systematic review of psychodrama psychotherapy research: Trends and methodological implications. *PLoS ONE*, 14(2), e0212575. doi: 10.1371/journal.pone.0212575
- Orkibi, H. (2021). Creative Adaptability: Conceptual Framework, Measurement, and Outcomes in Times of Crisis. [Original Research]. *Frontiers in Psychology*, 11(3695). <http://dx.doi.org/10.3389/fpsyg.2020.588172>
- Peterson, C., & Seligman, M. E. P. (2004). *Character strengths and virtues: a handbook and classification*. Washington, DC: American Psychological Association.
- Rosenberg, M. (2006). Rosenberg Self-Esteem Scale (RSE). In D. J. Ciarrochi & L. Bilich (Eds.), *Acceptance and Commitment Therapy. Measures Package* (pp. 61-62). Wollongong - Australia: School of Psychology, University of Wollongong
- Ryff, C. D. (1989). Happiness is everything, or is it? Explorations on the meaning of psychological well-being. *Journal of Personality and Social Psychology*, 57(6), 1069-1081. <https://doi.org/10.1037/0022-3514.57.6.1069>

- Ryff, C. D., & Essex, M. J. (1992). The interpretation of life experience and well-being: The sample case of relocation. *Psychology and Aging, 7*(4), 507-517. <https://doi.org/10.1037/0882-7974.7.4.507>
- Shen, X. S., Chick, G., & Zinn, H. (2014). Playfulness in Adulthood as a Personality Trait. *Journal of Leisure Research, 46*(1), 58-83. <https://doi.org/10.1080/00222216.2014.11950313>
- Spielberger, C. D., Gorsuch, R. L., Lushene, R., Vagg, P. R., & Jacobs, G. A. (1983). *State-Trait Anxiety Inventory for Adults: Manual, test, and scoring key*. Redwood City, CA: Mind Garden.
- Testoni, I., Azzola, C., Tribbia, N., Biancalani, G., Iacona, E., Orkibi, H., & Azoulay, B. (2021). The COVID-19 Disappeared: From Traumatic to Ambiguous Loss and the Role of the Internet for the Bereaved in Italy. [Original Research]. *Frontiers in Psychiatry, 12*(564). <https://doi.org/10.3389/fpsy.2021.620583>
- Wampold, B. E. (2017). What Should We Practice? A Contextual Model for How Psychotherapy Works. In T. Rousmaniere, R. K. Goodyear, S. D. Miller & B. E. Wampold (Eds.), *The Cycle of Excellence: Using Deliberate Practice to Improve Supervision and Training* (1st ed., pp. 49-65). New York: John Wiley & Sons, Ltd.
- Wieser, M. A. (2006). Die Meta-Analyse zur Psychodrama-Psychotherapie in "Psychotherapie im Wandel" von Grawe, Donati und Bernauer. *Psychotherapie Forum, 14*(1), 47-53. <https://doi.org/10.1007/s00729-006-0120-y>
- Wieser, M. A. (2007). Studies on Treatment Effects of Psychodrama Therapy Ordered on the Basis of ICD-10. In C. Baim, J. Burmeister & M. Maciel (Eds.), *Psychodrama: Advances in Theory and Practice* (pp. 271-292). New York, NY, USA: Routledge.

10 Anexos

10.1 Anexo 1. SAI-Rp – Versão portuguesa do Inventário de Avaliação da Espontaneidade.

SAI-Rp

O inventário seguinte foi elaborado para ajudar a entender os sentimentos e pensamentos que as pessoas vivenciam em diferentes situações durante um dia típico. Gostaríamos que partilhasse connosco as suas experiências relativamente a esse aspeto.


Instruções: Os 18 diferentes sentimentos e pensamentos apresentados abaixo referem-se à questão em negrito. Deverão ser avaliados nas escalas ordenadas de 1 = Muito Fraco (nunca/raramente) até 5 = Muito Forte (frequentemente/sempre), que aparecem à direita de cada item. Por favor leia cada item cuidadosamente e assinale com um círculo ou cruz o número que melhor descreve a intensidade dos seus sentimentos ou pensamentos. É importante que não deixe em branco nenhum dos itens. Não há respostas certas ou erradas.

Muito Fraco	Fraca	Nem Fraca nem Forte	Forte	Muito Forte
1	2	3	4	5

Com que intensidade tem estes sentimentos ou pensamentos durante um dia típico?

01. Criativo/a	1	2	3	4	5
02. Feliz	1	2	3	4	5
03. Desinibido/a	1	2	3	4	5
04. As coisas parecem fluir	1	2	3	4	5
05. Vivo/a	1	2	3	4	5
06. Livre para criar	1	2	3	4	5
07. Eufórico/a	1	2	3	4	5
08. Livre para agir, até exageradamente	1	2	3	4	5
09. Vivendo plenamente com equilíbrio	1	2	3	4	5
10. Com energia	1	2	3	4	5
11. Com controlo	1	2	3	4	5
12. Leve e amorosamente	1	2	3	4	5
13. Completo/a	1	2	3	4	5
14. Prazer	1	2	3	4	5
15. Poderoso /a	1	2	3	4	5
16. Bem sucedido/a	1	2	3	4	5
17. Capaz de fazer qualquer coisa, dentro dos limites	1	2	3	4	5
18. Alegre	1	2	3	4	5

10.2 Anexo 2. Aceitação do artigo na revista Psico-USF

Notificações 

[Psico-USF] Decisão editorial

2021-06-28 05:18

Prezados Autores,

Paulo Martins, António Gonzalez, Margarida Lima, António Rosado,

Agradecemos o interesse em publicar na Revista PsicoUSF o artigo intitulado "Análise das qualidades psicométricas da versão portuguesa do Inventário de Avaliação da Espontaneidade (SAI-R): Versão portuguesa do SAI-R". O artigo foi aceito e será publicado no final do ano de 2021.

10.3 Anexo 3. Exemplo do Guião do inquérito aos especialistas

Painel de Especialistas

***Obrigatório**

1. Nome (para uso exclusivo dos investigadores)

2. Idade *

3. Anos de experiência em psicodrama *

Caro/a psicodramatista: na lista que se segue, pedimos-lhe que indique quais são os termos ou frases que manteria ou rejeitaria na avaliação da espontaneidade de um(a) cliente. Pedimos-lhe também que, sempre que possível, nos dê a conhecer o racional que ajudou a sua decisão. Na qualidade de especialista, a sua participação é muito importante. Não há respostas certas ou erradas, por isso pedimos-lhe que não deixe nenhuma resposta em branco. Muito obrigado!

Criativo *

Marcar apenas uma oval.

Excluir

Incluir

Porquê?

Este conteúdo não foi criado nem aprovado pela Google.

Google Formulários

